



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS

ANTIGUIDADES JUDAICAS:

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA EM JOSEFO



BRUNO PEREIRA BARBOSA

CAMPINA GRANDE – PB

MAIO / 2016

**ANTIGUIDADES JUDAICAS:
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA EM JOSEFO**

BRUNO PEREIRA BARBOSA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

ORIENTADORA:

Prof.^a Dr.^a Marinalva Vilar de Lima.

CAMPINA GRANDE - PB

2016



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

BRUNO PEREIRA BARBOSA

ANTIGUIDADES JUDAICAS:

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA EM JOSEFO

Aprovado em:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a DRA. MARINALVA VILAR DE LIMA.

ORIENTADORA

PROF. DR. ANTÔNIO CLARINDO BARBOSA DE SOUZA

EXAMINADOR

PROF. DR. JOSÉ OTÁVIO AGUIAR

EXAMINADOR

*Ao meu pai Cirineu, à minha mãe Sônia e
ao meu irmão Breno.*

AGRADECIMENTOS

Enfim chegamos ao término da nossa graduação. As lembranças que ficam de todos os dias que passamos na UFCG são gratificantes. As pessoas que conhecemos, os amigos que adquirimos e os professores que admiramos tornaram os dias de estudos intensos bem melhores. Então agora o que nos resta é agradecer.

Agradeço a uma pessoa excelente que me acompanhou durante todo o meu período de graduação: a minha coordenadora, professora, orientadora e amiga, Marinalva Vilar de Lima. Com ela os estudos de Antiguidade Clássica e Medieval se tornaram muito mais prazerosos, devido a sua competência profissional. Tivemos o prazer de trabalharmos juntos durante 2 anos na Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais, curso que foi essencial para o meu amadurecimento profissional e pessoal. Vou guardar na minha memória todos os momentos que passamos durante a graduação, todas as aulas de campo em que ela pôde compartilhar suas experiências, seus conselhos e sua amizade. Eis a minha referência de historiadora.

Agradeço também a todos os professores e funcionários da UAHIS, que foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico. Quero destacar dois professores pelos quais possuo uma grande estima, ambos tive o prazer de convidar para compor a banca de defesa desta monografia. São eles: Antônio Clarindo e José Otávio.

Conheci o professor Antônio Clarindo na disciplina Pensamento Político Social Geral, e até hoje lembro-me bem de cada aula ministrada por ele. Uma das minhas melhores disciplinas do curso, a qual eu tive o prazer de aprender com esse profissional muito competente e com seu senso de humor que alegrava as nossas manhãs. Tivemos também a oportunidade de trabalharmos juntos na Especialização e fazermos várias aulas de campo, as quais ele também pôde colaborar com o nosso crescimento pessoal e acadêmico.

Ao professor José Otávio também fica a nossa admiração e agradecimento pela sua colaboração nos estudos do Medieval Oriental, disciplina lecionada com maestria, e pela sua disposição nas conversas após as aulas aonde recebemos incentivos importantes para a continuidade dos nossos estudos.

Agradeço a minha turma de História 2011.2 que participou dos momentos difíceis e prazerosos do curso, e que me ajudaram a concluir essa fase da minha vida, em especial

a Maurício dos Santos e Pedro Batista que se tornaram meus melhores amigos e que compartilharam as inúmeras atividades no decorrer do curso.

Agradeço a toda equipe da Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais, em especial a nossa equipe de Tutores, a qual fiz parte: Talita Soares, Alane Mota e Juliene Câmara, vocês foram participantes de uma das páginas mais importantes da minha vida. Obrigado pelo carinho de vocês, amei o nosso trabalho e a vossa companhia diária.

Agradeço a Isaac Meneses que se dispôs a nos acompanhar nos estudos do hebraico bíblico, sempre com muita paciência e educação. Abriu as portas da sua casa, a sua biblioteca e suas experiências com o judaísmo que foram fundamentais para a realização de um dos meus sonhos: conhecer o hebraico e estudar a Torá na sua língua de origem.

Ao meu pai Cirineu, minha mãe Sônia e meu irmão Breno, presto os meus agradecimentos e dedico essa pesquisa. Minha graduação só foi possível pelo seu apoio e colaboração, pois sempre entenderam a importância da educação na formação pessoal e profissional e se esforçaram para a realização da mesma. Não é possível descrever aqui todas as contribuições diárias que vocês me concederam.

A Deus, que esteve comigo no início de tudo até o presente momento. Ele sabe o quanto grato eu sou por tudo que foi dispensado a mim. *Baruch Atá Adonai Eloheinu, Melech Haolam, shehecheianu vekimanu vehiguanu lazman hazé*. Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que nos mantiveste em vida, nos sustentaste e nos permitiste alcançar os dias de hoje.

אֲשֶׁרִי אָדָם מֵצֵא חִכְמָה וְאָדָם יִפְיֵק תִּבְוֹנָה:
כִּי טוֹב סְחָרָה מִסְחָר-כֶּסֶף וּמְחָרוֹן תִּבְוֹאָתָה:
יִקְרָה הִיא מִפְּנִיִּים וְכָל-חֲפָצֶיהָ לֹא יִשְׁוּוּ-בָה:
אֲרֶךְ יָמִים בְּיַמֶּינָהּ בְּשִׂמְאוֹלָהּ עֵשֶׂר וְכַבֹּד:
דְּרָכֶיהָ דְרָכֵי-נְעָם וְכָל-נְתִיבוֹתֶיהָ שְׁלוֹם:
עֵץ-חַיִּים הִיא לְמַחְזִיקִים בָּהּ וְתִמְכֶּיהָ מְאֹשֶׁר:
(Mishlei 3:13-18)

*Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o
homem que adquire conhecimento.
Porque melhor é a sua mercadoria do que a
mercadoria de prata, e a sua renda do que o ouro
mais fino.
Mais preciosa é do que os rubins; e tudo o que podes
desejar não se pode comparar a ela.
Aumento de dias há na sua mão direita: na sua
esquerda riquezas e honra.
Os seus caminhos são caminhos de delícias, e todas
as suas veredas, paz.
É árvore da vida para os que a seguram, e bem-
aventurados são todos os que a retêm.
(Provérbios 3:13-18)*

RESUMO

O trabalho analisa as relações entre Identidade e Diferença na produção do sentido de pertencimento para os judeus na obra “Antiguidade Judaicas” de Flávio Josefo. Articula o debate a partir da localização do autor no cenário narrado, considerando sua obra enquanto preche de elementos que são colocados para autorizar sua escritura como própria, haja vista ser ele judeu. Para esta análise dialogamos com a temática da construção de identidades fazendo um exame discursivo da obra Antiguidades Judaicas de Flávio Josefo. Na primeira parte contextualizamos o autor, seu projeto historiográfico e a sociedade romana do seu tempo. Analisamos o método utilizado de retorno longo até um “tempo lendário” para a explicação da cosmogonia judaica e criação da sua identidade. Em seguida procuramos verificar quais outras identidades eram apresentadas na sociedade judaica no século I d.C, momento em que é realizada a escrita de Flávio Josefo. Verificamos os diversos partidos na Judeia Romana e problematizamos a sociedade judaica de maneira plural.

Palavras-chave: Identidade, Judaísmo, Judeia Romana, Flávio Josefo.

ABSTRACT

This paper analyzes the relationship between identity and difference and how it contributes to define the Jews' feeling of belongingness in the book *Jewish Antiquity*, written by Flávio Josefo. The research articulates the debate taking the author's perspective on the narrated scene, considering his work as full of idiosyncratic elements, because he was Jewish. In this analysis, we dialogued with the theme of identity construction making a discursive analysis of *Jewish Antiquities* by Flávio Josefo. In the first part, we contextualized the author, his historiographical project and the Roman society of his time. We analyzed the method, from the long return to a "legendary time", to explain the Jewish cosmogony and the creation of their identity. Then, we try to see which identities were presented in Jewish society in the first century D.C., when Flávio Josefo wrote his work. We analyzed the various parties in the Roman Judea, and discuss about the Jewish society in a plural way.

Keywords: Identity, Judaism, Roman Judea, Flávio Josefo.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo I - “Antiguidades Judaicas” enquanto promotora de essencialidade cultural?.....	16
Capítulo II – “Antiguidades Judaicas”: Identidade e Diferença	35
Considerações Finais	51
Referências Bibliográficas	53

INTRODUÇÃO

Flávio Josefo¹ e sua obra *Antiguidades Judaicas* marcam uma série de pesquisas realizadas no decorrer da minha graduação. O estudo da antiguidade sempre foi o nosso fascínio, um prazer de caráter pessoal que nos acompanhou durante todo o curso de História. Trabalhar com o Oriente nos proporcionou a alternativa de nos dedicarmos a uma perspectiva de estudos que fugisse do eixo Grécia e Roma e voltássemos nossos olhares para as culturas orientais, especificamente a cultura judaica.

Sobre Flávio Josefo, apontamos a contribuição que ele deu ao narrar episódios marcantes no contexto judaico da antiguidade, possibilitando a análise mais detalhada da história hebraica no contexto de inúmeras invasões. Josefo nasce durante o governo de Caio Calígula², por volta dos anos 37 e 38 d.C. Filho de sacerdote, *Yosef ben Mattitiahou ha Cohen*³ (DEGAN, 2013: p.133) afirma ter uma “raça real” com antepassados vindos da realeza (JOSEFO, *Vita*, p.942). Após completar a idade de treze anos, decide estudar os vários grupos existentes na Judeia, dentre eles os saduceus, os fariseus e os essênios. Aos dezenove anos, adota o partido dos fariseus com a qual prossegue sua carreira.

Em 64 d.C, Josefo se dirige a Roma como embaixador da Judeia, com a missão de conquistar a liberdade de alguns sacerdotes que estão presos pelo procurador Félix⁴ (DEGAN, 2013: p.144). Questão essa resolvida, retorna a Judeia e relata o panorama conturbado que acaba se estabelecendo. Como aponta Goodman:

Em poucos anos, contudo, as dificuldades na província agravaram-se palpavelmente. Os distúrbios esporádicos continuavam, e havia também um banditismo endêmico nas áreas rurais. Desde os primeiros anos 50 a atmosfera de violência propagou-se à capital, onde homens com punhais, *sicarii*, se escudavam nas multidões de peregrinos para aterrorizar a população urbana. Alguns cidadãos sentiram-se suficientemente intimidados em 64 para buscar segurança no exterior. Já estava claro para um herosolimita, Josefo, que uma explosão era iminente (GOODMAN, 1994: p.16)

A insatisfação popular com o governo romano da Judeia, logo após o confisco do tesouro do Templo em Jerusalém, pelo procurador Floro⁵, resultou numa revolta ainda

¹ Historiador Judeu do século I d.C.

² *Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus*.

³ José (Josefo) filho de Mathias o sacerdote. *Tradução nossa*.

⁴ *Marcus Antonius Felix*.

⁵ *Géssio Floro*.

maior por parte dos sacerdotes do Templo, como narra Josefo: *Floro, como se tivesse feito de propósito, para incitar a guerra, mandou tirar dezessete talentos do sagrado tesouro, a fim de os empregar, como dizia, para o serviço do imperador* (JOSEFO, *BJ*, II, 25, p. 1124). Esse sacrilégio realizado numa condição de tensão na Judeia, provocou o início de uma revolta de proporções ainda maiores, Josefo relata: *O povo revoltou-se imediatamente, correu ao Templo soltando gritos e implorando, em nome de César, que o libertassem da tirania de Floro* (JOSEFO, *BJ*, II, 25, p. 1124).

O desenrolar dessa revolta é em síntese exposta por Godman:

Em repulsa, alguns sacerdotes do Templo decidiram suspender aqueles sacrifícios que diariamente haviam sido oferecidos em Jerusalém em honra ao imperador romano. Do ponto de vista romano tal ação constituía rebelião, e a situação era agora por demais séria para ser controlada por Floro. O legado imperial Céstio Galo marchou de Antióquia, na Síria, com três legiões e muitas outras tropas auxiliares. Quando ele também teve que enfrentar decidida resistência e sofreu uma desastrosa derrota em sua retirada das proximidades de Jerusalém, Nero foi forçado a tratar da supressão da revolta como uma campanha importante. Ele mandou um dos seus generais mais experientes, o futuro imperador Vespasiano, combater em seu nome na Judéia (GOODMAN, 1994: p.17).

A vida de Josefo após esses eventos tornou-se conturbada. Transforma-se general e governador da Galileia combatendo contra os romanos durante o inverno de 66 até o verão de 67 (DEGAN, 2013: p.155), quando é derrotado por Vespasiano⁶ e preso na cidade de Cesareia. Josefo então prevê que Vespasiano tornar-se-á o imperador romano, então conquista a sua amizade e posteriormente é libertado por ele. Se torna testemunha ocular da destruição de Jerusalém por Tito⁷ e, em sequência, passa então a compor a corte do imperador em Roma. Como cidadão romano e sob tutela dos Flavianos, Josefo escreve quatro obras: *Bellum Judaicum*, *Antiquitates Judaicae*, *Contra Apione* e *Vita* (DEGAN, 2013: p.155-171).

Lançamos como proposta de análise o processo de construção discursiva identitária no livro *Antiguidades Judaicas* de Flávio Josefo, onde descreve a gênese do povo hebreu. Ele inicia a sua narrativa com o primeiro livro da Torá (Gênesis) e vai até o governo de Floro na Judeia. Seu empreendimento é uma tentativa de levar aos gregos, aos romanos, e demais povos, uma “verdadeira” história judaica em que ele traz “provas” de sua narrativa, para que todos possam compreender as diversas situações enfrentadas

⁶ *Titus Flavius Vespasianus*.

⁷ *Titus Flavius Vespasianus Augustus*.

pelo povo judeu na guerra contra Roma e a cerne da identidade judaica através do relato de sua antiguidade.

Tendo em vista o exposto, lançamos o seguinte questionamento: Qual é a identidade judaica proposta por Josefo? Ou melhor, que identidades são estas? Onde estão as fronteiras culturais demarcadas em seu discurso? Como podemos conceber o lugar judeu na antiguidade?

A partir de então, nos propomos a pesquisar e discutir como o historiador judeu Flávio Josefo demarca a cultura judaica antiga, narrando a história da antiguidade do seu povo. Tendo em vista o contexto de decadência do controle político da Judeia e a destruição de um dos principais símbolos do judaísmo: o Templo; Josefo segue na sua escrita uma espécie de apologia da história de seu povo que, dentre outros aspectos, nos leva a pontos em comum da sua nação que estava passando naquele momento pelo jugo romano e sofrendo com a dispersão e o anti-semitismo, provocado, dentre outros fatores, pela rebelião de 66 d.C.

A preocupação de Josefo em descrever a história de seu povo com mais propriedade ou diferente a já escrita, trouxe consigo o desabafo da indignação sentida ao deparar-se com descrições estrangeiras anômalas ou inverídicas da figura judaica no Oriente.

Resta-me ainda demonstrar a falsidade do que foi dito contra nós, contra nossa nação e desmascarar tão grande impostura. Os que têm maior conhecimento da história sabem muito bem dos efeitos que o ódio é capaz de gerar em tais assuntos e que muitos se esforçam por apagar o brilho e censurar o proceder das nações e das cidades mais ilustres (JOSEFO, *CAp*, I, 7, p. 1450).

Josefo considerava que os judeus estariam sub-representados pela historiografia grega. Claro que sob a influência helênica do governo de Alexandre⁸ no século IV a.C a Judeia se depara com costumes antes não empreendidos: jogos olímpicos, os escritos de Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Fídias, Platão e Aristóteles. Enfim, compararam as suas idéias com as idéias gregas, fizeram propaganda das próprias crenças, absorvendo muitos costumes e noções gregas no processo, convencidos então da superioridade de suas crenças e modos de vida, passaram a defendê-los e lutarem por eles (BAGNIEWSKI, 2008: p. 38).

O discurso de Heródoto é dirigido aos gregos e vinha com a finalidade de explicar os bárbaros para os gregos, no caso de Josefo a missão se torna inversa; seu discurso é

⁸ *Aléxandros ho Mégas*.

dirigido para os estrangeiros e se faz necessário explicar os judeus para os estrangeiros. Nesse exercício descritivo, Josefo recorre ao passado para firmar sua identidade, como afirma Woodward: *uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio ao apelo aos antecedentes históricos* (WOODWARD, 2014: p.11) Nesse exercício retroativo da busca de uma essência judaica, Josefo escreve a “*Arqueologia Judaica*” ou “*As Antiguidades Judaicas*” junto com sua crônica da primeira guerra contra os romanos “*História da Guerra Judaica*” (LANGE,2007: p.14).

Os textos bíblicos já bem conhecidos da nossa parte desde a nossa infância tomaram contornos diferentes: a pesquisa histórica. Nesse sentido, a obra de Flávio Josefo nos possibilitou o retorno às discussões que antes tinham caráter estritamente religioso e passaram a desempenhar um papel Acadêmico. A partir de então, a investigação dos hebreus tornou-se um desafio, tendo em vista as nossas preocupações de nos debruçarmos sobre o estudo do hebraico bíblico para termos uma profundidade melhor na compreensão da cultura judaica. Estudo esse, foi iniciado dois anos atrás, quando por ocasião de estar desempenhando a função de Tutor da Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais, do departamento de História na UFCG, sob a coordenação da Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima, encontramos a aluna Márcia Meneses que frequentava uma sinagoga em nossa cidade, possibilitando, então, o nosso contato direto com a liderança da mesma e os estudos referentes à língua hebraica.

Utilizamos a consulta a autores que se embasam na perspectiva de estudos culturais na temática das identidades, como no caso de Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward. Destarte, termos um diálogo muito próximo com a sociologia, ampliando nossas discussões na questão da formação das identidades.

No que se refere à antiguidade, tomaremos as publicações de autores referentes a antiguidade grega e romana como Grimal, Hartog, Vernant, Finley, entre outros. Tomaremos, também, como referência de consulta a Tese do professor doutor Alex Degan, denominada: *Judaísmo em Suspensão*, do programa de pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), que discute a compreensão de judaísmo que Flávio Josefo desenvolveu em todos os seus livros.

No primeiro capítulo intitulado: “*Antiguidades Judaicas*” enquanto promotora de essencialidade cultural? Destacaremos o processo em que Josefo parte para um passado remoto no seu livro *Antiguidades Judaicas*, localizando a raiz do seu povo e remontando uma espécie de vínculo em comum em que todas as identidades hebreias são construídas. Dessa maneira, pretendemos desconstruir a ideia de uma cultura hebraica uníssona,

apontando vestígios, no discurso de Josefo, de sistemas classificatórios que sobrepujam as diversas identidades que já eram percebidas pelos povos semitas.

No segundo capítulo, intitulado “Antiguidades Judaicas”: Identidade e Diferença, pretendemos analisar como Flávio Josefo trabalhará em sua obra a questão da diversidade presente na Judeia daquilo que conhecemos como judeu. Discutiremos a problemática da concepção do judeu sobre si mesmo na antiguidade, entendendo as dificuldades territoriais, políticas e religiosas para construção da sua identidade. Apresentaremos as identidades plurais na antiguidade judaica, localizando dessa forma quem são os “outros” judeus que também compartilhavam dos antecedentes históricos apresentados no capítulo anterior, mas possuíam especificidades que os deixavam “marginalizados” no discurso de Josefo.

Capítulo I

“Antiguidades Judaicas” enquanto promotora de essencialidade cultural?

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ:
וְהָאָרֶץ הִיְתָה תְהוֹ וְבַהֹ וְחֹשֶׁךְ עַל-פְּנֵי תְהוֹם:
(Bereshit 1: 1,2)

No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era vã e vazia, e (havia) escuridão sobre a face do abismo, e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

(Gênesis 1:1,2)⁹

A abertura da Torá traz os relatos dos primórdios da Criação, apresentando Moisés (*Mosher* - מֹשֶׁה) o texto com as ideias que se tornariam, a *posteriore*, o cerne do pensamento e da religião judaica. Nessa, *Elohim*¹⁰ (אֱלֹהִים) estabelece o início, não somente da humanidade, mas também de todo o Universo. É interessante observarmos que o próprio nome do primeiro livro da Torá (*Bereshit* - בְּרֵאשִׁית) é traduzido diretamente do hebraico para o português como: *No princípio*. A palavra Gênesis, que significa “origem”, na verdade vem das traduções gregas, provavelmente da Septuaginta¹¹ que deu ênfase ao conteúdo do livro, enquanto o título em hebraico se refere a primeira ou a principal palavra do início do livro (MELAMED, 2001: 13,21).

Nesse mesmo viés Flávio Josefo inicia o relato do seu livro *Antiquitates Judaicae*, utilizando também o relato de Moisés: *No princípio, Deus criou o céu e a Terra, mas a Terra não era visível porque estava coberta de trevas espessas, e o Espírito de Deus adejava por cima dela.*¹² A possível “Síndrome de Adão” registrada aqui no relato de

⁹ Os textos da Torá foram extraídos de duas fontes principais: Torá - A Lei de Moisés. Trad.: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Editora Sêfer. 2001 e Torah Prophets Writings: Massoretic Text according to Jacob ben Chayim and C.D. Ginsburg. Bibles.org.uk: London,2005.

¹⁰ Um dos 72 nomes de Deus segundo o judaísmo.

¹¹ Septuaginta (Lat. septuaginta, setenta). A tradução Gr. do AT e da maioria dos apócrifos que, segundo a lenda judaica, foi feita por setenta (ou setenta e dois) estudiosos judeus da Diáspora em Alexandria no século III a.C. (cf. Carta de Aristéias). Daí é comumente designada pelo número romano LXX. Na realidade, o AT foi vertido para o grego por vários tradutores no decurso de um certo período de tempo, começando com o Pentateuco nos séculos III e II a.C. O propósito era ajudar judeus da dispersão a ler as escrituras numa língua familiar. Ocorreram numerosas alterações e mudanças de sentido em comparação com o hebraico. Mas, quanto ao tempo, a LXX é mais antiga do que o Texto Massorético hebraico, e, às vezes, as suas leituras são preferíveis. Na igreja primitiva, a LXX era a forma normativa do AT. (Brown: 2000) Para mais detalhes sobre a questão de tradução e historicidade do texto ver também: SOARES, Esequias Septuaginta: Guia histórico e literário. São Paulo: Hagnos, 2009 e JOSEFO: *AJ XII*, 2, p.538.

¹² JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus. Trad.: Vicente Pedroso. CPAD: Rio de Janeiro, 2013. p. 75 Ressalte-se que ao longo deste trabalho, preferimos utilizar as referências da obra de Josefo a partir de sua

Josefo é o recurso historiográfico de um retorno longo no tempo para explicar o início de uma história, que para muitos historiadores causa certo desconforto. Seria até cômico da nossa parte e também uma espécie de “pleonasma historiográfico” iniciarmos da mesma forma, porém o que iremos ressaltar não é esse longo retorno por si só feito de Josefo, mas sim a sua motivação para tal recurso, já que a origem dos judeus e do judaísmo como religião organizada é bem posterior à regressão feita. Situação que nos coloca a questão: Qual, então, seria a possível intenção de Josefo ao lançar mão desse método de retorno demasiado longo, recuando até um tempo lendário da cosmogonia judaica? Movimento que Josefo faz nas “Antiguidades Judaicas”, mas que no prefácio do primeiro livro do *Bellum Judaicum* ele se abstém, de fazer num primeiro momento, conforme coloca:

Eu teria podido dizer qual foi a origem dos judeus, de que maneira saíram do Egito, por quais províncias vagaram durante longo tempo, as que ocuparam e como passaram a outras. Mas, além do fato de que isso não se refere a este tempo, eu o julgaria inútil, pois vários de meus compatriotas já o escreveram, com muito cuidado, e os gregos traduziram essas obras para a sua língua sem se afastar muito da verdade. Assim, começarei a minha história por onde os seus autores e os nossos profetas concluíram as suas. Referirei particularmente, com toda a exatidão que me for possível, a guerra que se travou no meu tempo e contentar-me-ei em tocar brevemente o que se passou nos séculos precedentes (JOSEFO, prefácio, p. 71).

A dedicação josefiana na escrita de sua obra, tem como prioridade, a construção da narrativa do evento mais traumático do primeiro século: a guerra contra Roma. Segundo Martin Goodman, *para os que estudam a história e a sociedade judaica nenhum argumento é necessário para salientar a importância da guerra de 66-70. O fracasso levou a destruição do Estado Judeu independente na Palestina até o reestabelecimento de Israel em 1948* (GOODMAN, 1994: p.18). O início da narrativa de Josefo, na realidade se dá através dos relatos de um período bem posterior em que ele mesmo se dedica em *Antiquitates Judaicae*, o livro que estamos analisando.

Titus Flavius Josephus em *Bellum Judaicum*, sua primeira obra, organiza a história das Guerras dos Judeus em sete livros. As causas da guerra são verificadas por uma narrativa que se inicia pela descrição do domínio grego na Judeia. A sociedade judaica, a sua organização política, religiosa e militar é descortinada para o leitor, afim

sistematização “original”, com a seqüência: autor, livro e capítulo. A esses, acrescentamos abreviação do título do livro *AJ* (*Antiquitates Judaicae*), *BJ*(*Bellum Judaicum*), *CAp*(*Contra Apionem*), *Vita*(*Autobiografia*), e as páginas de acordo com a principal tradução que utilizamos. Assim, para esta nota, teríamos: JOSEFO, *AJ*, I, 1, p.75.

de que o público romano culto, o grego, o parta, o babilônico, o árabe, os povos estrangeiros do interior da Ásia, e demais povos que tenham contato com sua escrita, tenham acesso a história da revolta judaica que ocorreu no primeiro século (HADDAS-LEBEL:1991). O *Bellum Judaicum* de Josefo narra os acontecimentos históricos que marcam entre os anos 175 a.C até a década de 80 d.C, como destaca Degan (DEGAN,2013: p. 173).

No livro I ele descreve os acontecimentos que precederam o governo de Roma na Judeia até a organização política romana após a conquista de Pompeu. Iniciando com Antíoco Epifânio, conquistando a Judeia, trazendo para o povo judeu um dos eventos mais dramáticos da história judaica. Com a chegada de Antíoco IV o Templo e a cidade são saqueados, os judeus são obrigados a renunciar sua religião, são proibidos de realizar a circuncisão, além disso cometeu-se o sacrilégio de oferecer porcos sobre o altar, que são considerados pela lei judaica como animais imundos. Josefo ainda relata nesse livro a resistência do sacerdote Matatias às ordens expressas de Antíoco Epifânio, e, posteriormente, são travadas várias batalhas que resultam na libertação da Judeia e o domínio político da dinastia judaica dos Macabeus. Nesse primeiro livro são relatados também os problemas políticos internos posteriores da dinastia, entre Aristóbulo e Hircano, filhos de Alexandre Janeu e por fim, ele descreve a conquista de todo território da Judeia, o assassinato de Júlio César¹³, a batalha entre Marco Antônio¹⁴ e Otávio Augusto¹⁵ e o governo de Herodes, o Grande.

No livro II Josefo se dedica a descrever, sobretudo, a situação degradante em que a Judeia entra após o governo dos herdeiros de Herodes que reivindica seu poder sobre a Judeia. Arquelau e Antipas viajam a Roma para uma audiência com Augusto com o objetivo de decidir a questão de sucessão do governo romano para os judeus. Nesse ínterim é relatado a revolução que acontece na cidade de Jerusalém e “[...] *houve também diversas sublevações em outros lugares da Judeia, quer pela esperança de lucro, quer pelo desejo de reinar, que essa confusão fazia alguns conceber*” (JOSEFO, BJ, II, 6, p. 1092). Josefo também relata nesse livro, os vários problemas encontrados na Judeia referentes ao estabelecimento de ordem e controle na região, mencionando várias disputas entre os próprios judeus e também com os gregos e samaritanos que estão estabelecidos

¹³ *Gaius Iulius Caesar.*

¹⁴ *Marcus Antonius.*

¹⁵ *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus.*

nas províncias romanas da Palestina e, por fim, trata das causas imediatas da guerra dos Judeus contra Roma.

Nos livros III e IV Josefo descreve a guerra em si, com as atividades de Vespasiano e Tito na Palestina. Mostra como Nero vê com temor a resistência que se forma na Judeia e envia Vespasiano, que se encontra na Acaia, se dirigi à Síria para obter o controle da região. Tito, por sua vez, vai até a cidade de Alexandria para receber as quinta e décima legiões, como parte da estratégia militar. Josefo também descreve geograficamente a Galileia, a Judeia e algumas províncias vizinhas, relata o poderio militar romano e as várias situações encontradas no campo de batalha. Por fim, Josefo descreve o anúncio do cargo de imperador à Vespasiano e em sequência sua ordem a Tito para tomar Jerusalém e destruir a cidade.

Nos livros V e VI Josefo discute a tomada de Jerusalém. Sobre este acontecimento pondera: *Cidade infeliz, que sofreste de semelhante, depois que os romanos, entrando pela brecha, reduziram-te a cinzas, para purificar com o fogo, tantas abominações e crimes que atraíram sobre ti [...] (JOSEFO, BJ, V, 2, p. 1281)*. Josefo segue relatando a divisão de partidos que Jerusalém possui, o que atrapalha a última tentativa de resistir aos romanos, em sequência ele descreve as inúmeras estratégias que Tito articula para a tomada da cidade e o resultado infeliz dos judeus após o sucesso romano.

No último livro, o VII, Josefo relata como os últimos insurgentes são combatidos na Palestina e no Norte da África, a vitória de Roma sobre os judeus (DEGAN, 2013: p. 174), descreve o retorno de Vespasiano a Roma onde Josefo aponta: *Caminhava-se sobre flores; impregnadas de tantos perfumes, as ruas pareciam um Templo e a multidão era tão compacta que aquele feliz imperador, que todos consideravam como o pai da pátria, com dificuldade pôde chegar ao palácio (JOSEFO, BJ, VII, 12, p. 1392)*. Ainda é relatada a entrada triunfal de Tito, como podemos observar a seguir: *[...]Tito chegou a Roma bem depressa e foi recebido do mesmo modo que Vespasiano, seu pai, mas com um acréscimo de honra, que aquele admirável pai quis mesmo dar ao filho, indo em pessoa ao seu encontro (JOSEFO, BJ, VII, 12, p. 1392)*. Por fim Josefo descreve a situação final da fortaleza de Massada e a situação dos judeus em algumas províncias após a derrota.

Porém, em *Antiquitates Judaicae*, percebemos que esse empreendimento escriturístico de Josefo é ampliado, sendo o efeito de recuo no tempo o retorno semelhante com o que faz a historiografia grega ao estilo da profunda regressão feita nos poemas homéricos da *Iliada* e da *Odisséia*, que reflete um caráter mítico, conforme visto também,

posteriormente na *Teogonia* de Hesíodo (FINLEY: 1963). Acerca da importância do mito na explicação de mundo feita pelos gregos, Finley reflete:

[...] O que é o mundo? O que é o homem? Estas perguntas não eram novas. Contudo, anteriormente, as respostas eram míticas; consistiam em histórias, por vezes de natureza ou sabor genealógico. A terra fizera nascer o céu. Zeus, Posídon e Hades eram três irmãos que venceram os Titãs, tendo dividido entre si o universo, em três partes. O homem fora criado. Estas respostas míticas eram universais, de uma ou de outra forma, e sua qualidade como explicação sempre essencialmente a mesma. O mito é específico e concreto, explicando os fenômenos humanos e naturais, por referência a acontecimentos ou ações sobrenaturais, não explicáveis em si mesmas (FINLEY, 1963: p.101).

Antes de discutirmos a questão da identidade judaica voltemos ao que fez o historiador M. I. Finley ao apontar como a regressão feita pelos gregos a esse tempo “não histórico” tem como movimento principal a explanação de detalhes da cosmogonia grega, base importante de análise da cultura desse povo. Os mitos fundadores servem como base para explicação do presente, buscando questões sobrenaturais no passado longínquo, temporalidade que é requisitada com vistas a produzir legitimação de um povo, experiência, crença, heroificação. Destarte, cria-se uma possível explicação essencialista da identidade, remetendo a um período áureo da história. Ainda que aqui não tenhamos o propósito de trabalhar, em nosso entendimento, na análise aprofundada da historiografia grega, porém se torna impossível não se verificar traços dos movimentos e de sua influência.

O próprio Josefo decide, também, escrever em grego, como ele próprio justifica: “Foi isso o que me fez decidir escrever em grego, para satisfação daqueles que estão sujeitos ao Império Romano e para informar as outras nações, o que escrevi há pouco em minha língua”(JOSEFO, prefácio, p. 68). Josefo escreveu o *Bellum Judaicum* e *Antiquitates Judaicae* originalmente em aramaico e só depois foi que se dedicou ao grego (LANGE: 2007), com o objetivo de tornar sua obra conhecida pelos mais diversos povos do império.

A *Tanach*¹⁶ (תנ"ך) passa a ser traduzida para o grego¹⁷ (Septuaginta), no período do governo grego na Palestina. Algumas cidades também são fundadas com nomes gregos como é o caso de Filadélfia, Ptolemaida; com nomes dinásticos, Pela, também conhecida como Berenice, em homenagem a uma rainha Ptolemaica, localizada à margem do mar Vermelho; e Filotéria (AHARONI: 1999). No entanto, por vezes, a influência do helenismo na Judeia chega a trazer antipatias, como vai ser o caso da introdução em Jerusalém de festivais atléticos, competições musicais, lutas de animais ferozes e de gladiadores. Entretanto, aponta Martin Goodman, geralmente eram os judeus mais ricos que tinham maior inclinação à cultura grega, muitos chegavam a falar grego e a adornarem suas casas de acordo com a moda romana (GOODMAN, 1994: p. 26).

Josefo, portanto, em sua escrita de *Antiquitates Judaicae* possui a influência do helenismo sobre o método escriturístico que adota, estando no exercício da sua obra, ele descreve:

Iniciei a presente obra convencido que seu valor deve interessar aos gregos, pois ela compreenderá toda a história passada do nosso povo e sua constituição interpretada à luz dos textos sagrados hebraicos. Assim, enquanto trabalhava na *Guerra*, pensei em descrever a origem dos judeus, seu desenvolvimento, a qualidade do legislador que os educou na piedade e em outras virtudes e nas muitas guerras sustentadas no passado, antes do conflito que eles foram compelidos a travar contra os romanos. Como a extensão deste tratado era gigantesca, separei a *Guerra*, restringindo seus assuntos aos eventos relacionados no início e final do conflito. Todavia, com o tempo, como acontece com os homens que desejam empreender grandes trabalhos, eu tive medo e hesitei traduzir para uma língua estrangeira um assunto tão extenso como este (JOSEFO, apud, DEGAN, 2013: p. 175).

¹⁶ Ou *Tanak*. A Bíblia judaica: o Antigo Testamento (para os cristãos), composto por 24 livros. A palavra "Tanak" é composta pela soma das iniciais das três grandes partes da Bíblia judaica (T+N+K, ת+נ+כ): *Torah* (תורה, Pentateuco), *Neviim* (נביאים, Profetas), *Ktuvim* (כתובים, Escritos Sagrados). Os livros da **Torá** são: Gênesis (בְּרֵאשִׁית, *Bereshit*), Êxodo (שְׁמוֹת, *Shemot*), Levítico (וַיִּקְרָא, *Vayicrá*), Números (בְּמִדְבָּר, *Bamidbar*) e Deuteronômio (דְּבָרִים, *Devarim*). Os livros dos **Profetas** (*Neviim*) são: Josué (יְהוֹשֻׁעַ, *Yhoshua*), Juízes (שֹׁפְטִים, *Shofetim*), Samuel (שְׁמוּאֵל, *Shemuel*), Reis (מְלָכִים, *Melachim*), Isaías (יְשַׁעְיָה, *Yshayah*), Jeremias (יִרְמְיָהוּ, *Yiremyah*), Ezequiel (יְחֶזְקֵאל, *Ychezkel*), Doze Profetas (Oséias (חֹשֶׁעַ, *Hoshea*), Joel (יֹאֵל, *Yoel*), Amós (עָמוֹס, *Amos*), Obadias (עַבְדֵיָהוּ, *Ovadyah*), Jonas (יוֹנָה, *Yonah*), Miquéias (מִיכָה, *Miykah*), Naum (נְחֻם, *Nahum*), Habacuque (חֲבַקְּוֹק, *Havakuk*), Sofonias (צְפַנְיָהוּ, *Tsefanyah*), Ageu (חֲגִי, *Hagay*), Zacarias (זְכַרְיָהוּ, *Zecharyah*), Malaquias (מְלָאכִי, *Malachy*). Os livros dos **Escritos Sagrados** (*Ktuvim*) são: Salmos (תְּהִלִּים, *Tehilim*), Provérbios (מִשְׁלֵי, *Mishlê*), Jó (אִיּוֹב, *Iyov*), Cântico dos Cânticos (שִׁיר הַשִּׁירִים, *Shir Hashirim*), Rute (רוּת, *Rut*), Lamentações (אֵיכָה, *Echá*), Eclesiastes (קֹהֶלֶת, *Cohélet*), Ester (אֵסְתֵּר, *Ester*), Daniel (דָּנִיֵּאל, *Daniyel*), Esdras/Neemias (עֶזְרָא/נְחֵמְיָהוּ, *Ezra/Nehemyah*), Crônicas (דִּבְרֵי-הַיָּמִים, *Divré-hayamim*). (BENSION: 2006)

¹⁷ Ver nota 3.

Josefo demonstra ter consciência da realidade em que está vivendo. Considera que sua obra é de grande relevância não apenas para um “destinatário” da Palestina, mas para um conjunto mais amplo de grupos de leitores que coexistiam no território. Nesse sentido, escrever no grego é compreender e objetivar, dar um caráter mais universal às histórias que narra. Vejamos ainda o que assevera:

Agora vou encerrar a *Antiguidades*, obra que comecei a escrever depois de terminar a *Guerra*. A presente *Antiguidades* observa toda a História do povo judeu, desde o princípio da criação do primeiro homem até o décimo terceiro ano do império de Nero, como também o que acontece com os judeus no Egito, na Síria e na Palestina (JOSEFO, apud, DEGAN,2013: p. 182).

Obra que seu autor advoga como de grande importância para sua época, considerando-se “tradutor” de sua cultura para além do grupo que a conhece. Não escreve apenas para registro de uma memória judaica no interior do grupo que trata, mas para tornar esse grupo de conhecimento dos demais. O plano da obra articula uma longa narrativa dos acontecimentos em que estiveram envolvidos os judeus no descortinar de sua História até a sua época. O passado longínquo é acenado também a partir da ideia de “Idade do Ouro” de seu povo, a exemplo do que ocorre na escultura grega. A partir das muitas invasões, dominações e exílios temos a narrativa de adversidades a que o “povo de Deus” vai ser submetido. E finalmente temos o plano de escrita que segue:

O livro I traz o relato da Criação como está escrito na Torá, em seguida ele relata eventos como o dilúvio, a Torre de Babel, a genealogia do mundo antigo até o nascimento dos patriarcas judeus: Abraão¹⁸, Isaque¹⁹ e Jacó.²⁰ No livro II temos o relato da vida de José filho de Jacó,²¹ os eventos que marcam a peregrinação de Jacó com sua família ao Egito e a fuga dos israelitas do Egito com a travessia do Mar Vermelho. No livro III e IV vemos a diáspora de Israel pelo deserto, a outorga da Torá (מִתְּנַת תּוֹרָה, *Matan Torah*), a construção do Tabernáculo (מִשְׁכָּן, *Mishcán*) e o governo de Moisés. No livro V Josefo relata a conquista de Canaã por Josué²² e o período dos Juízes em Israel. Do livro VI ao livro X temos o relato da administração de Israel no período monárquico, encerrando com a invasão de Nabucodonosor e a queda de Jerusalém em 586 a.C. A partir do livro XI

¹⁸ אַבְרָהָם, *Avraham*.

¹⁹ יִשְׁחָק, *Yischak*.

²⁰ יַעֲקֹב, *Yaakov*.

²¹ יוֹסֵף בֶּן יַעֲקֹב, *Yosef ben Yaakov*.

²² יְהוֹשֻׁעַ, *Yhoshua*.

observamos o período em que os judeus tentam se restabelecer em Israel após o exílio babilônico, o período do governo Persa. No livro XII Josefo relata o período do governo grego. No livro XIII temos a descrição da revolta dos macabeus²³, encabeçada pelo sacerdote Matatias e por seu filho Judas Macabeus, vemos também o governo hasmoneano. Do livro XIV ao livro XVII marca o período romano na Judeia com a invasão e conquista de Jerusalém por Pompeu e o estabelecimento do governo romano com Herodes Magno. Do livro XVIII ao livro XX temos os herdeiros do trono herodiano e sua administração (DEGAN, 2013: p. 176).

Conferimos na obra *Antiquitates Judaicae* uma grande extensão narrativa constituída por vinte livros e um enorme recorte histórico, como observamos anteriormente, com uma temporalidade que vai desde um tempo mítico, relatando a época dos patriarcas, juízes, monarcas, durante o primeiro Templo antes do exílio, e narrando o domínio Persa, Grego, Hasmoneu e Romano no período do segundo Templo. Como podemos observar na tabela cronológica que apresentamos na sequência:

CRONOLOGIA DO LIVRO ANTIGUIDADES JUDAICAS		
LIVRO	ASSUNTO	DATAÇÃO²⁴
I	Criação do mundo até o nascimento dos patriarcas	Tempo mítico até um período de difícil datação (2000? 1790? a.C)
II	Do estabelecimento de Jacó no Egito até a fuga dos israelitas.	Período de difícil datação (1870? 1650? a.C até 1440? 1280? a.C)
III	Da saída do Egito até a entrada de Josué e Calebe na terra canaanita.	Período de difícil datação (1440? 1280? a.C)
IV	Do retorno ao deserto até a sucessão de Josué	Período de difícil datação (1440? 1280? a.C)

²³ Macabeus (Gr. Makkabaiosr aquele que martela ou extingue). A família judaica que desempenhou um papel de proeminência em libertar a Judeia do império selêucido sírio no século II a.C. A revolta dos macabeus impediu o avanço do helenismo que ameaçara o judaísmo com destruição. Começou em 168 a.C. quando um idoso sacerdote Matatias, matou um judeu apóstata que estava para oferecer sacrifício num altar idólatra na cidade de Modia. Os macabeus também são chamados hasmoneus, porque achava-se que Matatias fosse descendente de Hasmom. Os quatro livros dos Macabeus recebem seu nome por causa do herói dos primeiros dois, Judas Macabeus. Os três primeiros são Incluídos nos apócrifos (Brown: 2000).

²⁴ A esquematização de datas foi feita para análise didática, não de maneira arbitrária, respeitando assim as devidas discussões historiográficas. Tomamos como referência na datação a seguinte obra: AHARONI, Yohanan; et al. The Macmillan Bible Atlas. Trad.: Neyd Siqueira. CPAD: Rio de Janeiro, 1999. Livro feito entre dois eruditos hebreus e a organização Carta de Jerusalém (cartógrafos). Para o período Patriarcal utilizamos também a edição da Bíblia Sagrada Almeida: Bíblia Sagrada. Trad.: João Ferreira de Almeida. SBB: São Paulo, 1995

V	De Josué até o sacerdote Eli	Período de difícil datação (1440? 1280? a.C até meados do séc. XI a.C
VI	Da batalha de Ebenézer até o rei Saul	Meados do séc. XI a.C até 1017 a.C
VII	Reinado de Davi	1000 - 970 a.C
VIII	Do reinado de Salomão até o rei Acabe	970 - 853 a.C
IX	Do reinado de Josafá até a queda de Samaria e invasão assíria no Reino do Norte	870 - 722 a.C
X	Da invasão assíria no período do rei Ezequias até a morte de Nabucodonosor.	701 - 562 a.C
XI	Do retorno judaico à chegada de Alexandre, o Grande, na Judeia.	538 - 331 a.C
XII	Da chegada de Alexandre, o Grande, na Judeia a morte de Judas Macabeus.	331 - 161 a.C
XIII	Da morte de Judas Macabeus à morte da rainha Alexandra	161 - 67 a.C
XIV	Da morte da rainha Alexandra à ascensão de Herodes	67 a.C - 37 d.C
XV - XX	Do governo Romano da Judeia até o fim da Rebelião contra Roma.	37 d.C - 70 d.C

Esse enorme esforço de registro escriturístico feito por Flávio Josefo, primeiro em *Bellum Judaicum* e posteriormente em *Antiquitates Judaicae*, é uma tentativa de levar aos gregos e aos romanos uma “verdadeira” história judaica consubstanciada em “provas”. Empreendimento que pretende levar aos leitores uma compreensão das diversas situações enfrentadas pelo povo judeu na guerra contra Roma e trazendo o cerne da identidade judaica através do relato de sua antiguidade, já que ele aponta que [...] *não posso ainda agora tolerar que os gregos e os romanos, que não estavam presentes, a ignorem e sejam enganados pela bajulação desses historiadores, que só lhes narram fábulas* (JOSEFO, prefácio, p. 70).

Essa preocupação de Josefo de *simplex veritas*²⁵o faz escrever uma historiografia em que a narrativa histórica deveria contar os fatos tal qual eles tivessem acontecido, ser uma narrativa justa, a seu ver o historiador deveria se apegar com a verdade, por isso ele tece críticas à historiografia grega por considerar que [...] *falam muito quando se trata de sustentar os seus interesses, quer em particular, quer perante os juízes, mas se calam*

²⁵ Verdade pura

quando é preciso reunir com muita dificuldade tudo o que é necessário para compor uma história verdadeira (JOSEFO, prefácio, p.70)

Esse caráter apologético josefiano se torna ainda mais enfático na sua obra posterior, *Contra Apionem*, como bem destaca Alex Degan (2013, p. 188-193) ao que demonstra que Josefo escreve no final do reinado de Domiciano, e que o próprio escreve apresentando a superioridade da sua obra em comparação às obras gregas e egípcias e refutando as afirmações desses historiadores que falseiam a “verdade”.

Uns, em vez de referir coisas verdadeiras, encheram seus escritores de contos feitos para divertir; outros, só pensaram em louvar as cidades e os príncipes; outros, só quiseram repreender e censurar os que haviam escrito antes deles, para firmar sua reputação sobre a ruína da deles, coisas todas contrárias à história da qual nada demonstra tanta verdade, como referir as coisas de uma mesma maneira, ao passo que esses historiadores pretendiam parecer tanto mais verídicos quanto eles eram menos conformes aos outros. Queremos então ceder aos gregos, no que se refere à linguagem e à presunção de parecerem eloquentes, mas não no que se refere à verdade da história antiga e ao que se passou em cada país (JOSEFO, *CAp.* I, 1,p. 1431).

Essa preocupação de Josefo em mostrar a verdade da história do povo hebreu e os inúmeros detalhes no que se refere à cultura hebraica, é feita contrapondo uma visão ocidental marcada pelo *damnum iniuria datum*²⁶ que para Josefo causou um grande prejuízo à história judaica. Para ele a história dos judeus deveria ser mais bem descrita pelos próprios judeus que teriam propriedade na elocução da narrativa, já que, conforme citamos anteriormente, os relatos estrangeiros sobre a Judeia carregavam consigo elucidações etnocêntricas que infamavam o povo judeu.

Então, para Josefo o *auctori incumbit onus probandi*²⁷, tarefa que ele se ourtoga, já que o contato com povos de culturas diferentes na Judeia tornou-se cada vez mais dinâmico e diversos conceitos ou pré-conceitos foram concebidos e empregados durante a história. Houve, então, a necessidade de se compreender o outro, o diferente, o exótico, e esse contato que na sua maioria ocorreu entre conquistador e conquistado ou até mesmo entre embaixador e as cidades resultou em descrições escritas com uma série de jargões etnocêntricos, devido à enorme distância cultural de povos distintos. Josefo, então, parte para seu empreendimento, sua tarefa é descrever a antiguidade do povo de Israel e com isso narrar uma história “verídica” “[...] *revelando, além da verdade, os feitos dos de minha nação*” (JOSEFO, prefácio, p. 70).

²⁶ Dano produzido pela injúria.

²⁷ Ao autor cabe o trabalho de provar.

Sabemos que as narrativas josefianas nos primeiros livros de *Antiquitates Judaicae*, que se localizam em um tempo mítico, são fixadas na construção da história de Israel dos primeiros tempos, a qual faz menção direta com os mitos tradicionais. Nós ponderamos importante o motivo pelo qual Josefo retornou a sua narrativa até as origens de Israel, imbuído por um compromisso de narrar uma história exemplar, procurando mostrar o que seria o (יהודי - *yehudi*) “judeu”, ou melhor, como seria mais bem designado o povo judeu. Nesse ínterim, percebemos que no esforço de sinalizar e construir uma identidade hebraica, Josefo, também destaca os grandes feitos de sua nação, colocando Israel em uma posição de destaque e defendendo-se das injúrias que, segundo ele, seriam provocadas pela inveja conflagrada por seus inimigos históricos.

Então, partimos para a discussão de como se estabelece essa identidade judaica e quais são os problemas encontrados por Josefo. Considerando-se o que coloca Stuart Hall: *O processo de construção de identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la* (SILVA, 2014: p. 84). Portanto, estaria Josefo movido pelo interesse de apresentar uma identidade judia fixa, estável que considerava fundamental. Construção identitária a que o recuo ao tempo mítico tornou-se fundamental, haja vista ser um tempo que apresenta enquanto áureo para os judeus.

Nesse ínterim passamos a discutir o primeiro recurso utilizado por Josefo para a fixação da identidade: a retroação. Pois, como se compreende atualmente no campo do debate sobre identidade: [...] *uma das formas pelas quais as identidades estabelecem as suas reivindicações é por meio dos antecedentes históricos* (WOODWARD, 2014: p. 11). Por isso, compreendemos que Josefo tenta reafirmar sua identidade, supostamente perdida, buscando-as no passado, embora como aponta Kathryn Woodward, ao fazê-lo, ele possa estar realmente produzindo novas identidades. *Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade* (WOODWARD, 2014: p.12).

A retroação após *Bellum Judaicum* de *Antiquitates Judaicae*, narra, como visto anteriormente, um passado remoto. Seguiremos então os passos de Josefo nas suas explicações do passado hebraico no seu esforço de localizar a cultura judaica através da sua essência, logo que [...] *a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável* (WOODWARD, 2014: p.13). O *yehudi* e a nação de Israel passam a ser descritos nos seus fundamentos, para a localização da cultura. Quando nos reportamos à palavra essência percebemos que estamos discutindo a natureza daquilo em

que o interlocutor fala, ou então a ideia principal daquilo de que se fala. (AURÉLIO: 1999) Kathryn Woodward aponta o seguinte:

Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável (WOODWARD, 2014: p. 13).

Destarte Josefo traça um panorama geral na localização da sua cultura. Imbuído de um “saber retroativo” Josefo aponta os rastros da origem do *yehudi* esquematizando genealogicamente os povos que começaram a surgir no conhecido Crescente Fértil. O Crescente Fértil, por sua vez, possui uma historicidade que remonta vários milênios. Uma região muito propícia para atividades de agricultura, uma espécie de semicírculo em volta do deserto da Arábia formado por um oásis de rios. Possui resquícios de civilizações milenares como aponta Werner Keller : [...] *entre o Tigre e o Eufrates, existia desde aproximadamente o ano 2340 até 2198 a.C. o reino de Akkad, fundado por Sargão I, ao qual prestava tributo pequenos reinos desde o Golfo Pérsico até as fontes do Eufrates* (KELLER, 2008: p.11)²⁸. Josefo, então, retroage ao passado do seu povo fazendo o seu exercício sacerdotal, recorrendo aos textos sagrados e discorrendo aquilo que a própria *Torah* no livro de *Devarim* o aconselha.

זְכוֹר יָמֹת עוֹלָם בֵּינֵנוּ שָׁנוֹת דּוֹר-וָדוֹר שְׂאֵל אָבִיךָ וְיִגְדֶךָ זְקֵנֶיךָ
וַיֹּאמְרוּ לָךְ: בְּהַנְחִיל עָלֶיךָ גּוֹיִם בְּהַפְרִידוּ בְּנֵי אָדָם יִצְבּ גְּבֻלֹת
עַמִּים לְמִסְפַּר בְּנֵי יִשְׂרָאֵל:
(Devarim 32:7, 8)

Lembra-te dos dias da antiguidade, atentai para os anos das gerações sucessivas; pergunta a teu pai e ele te informará; aos teus anciãos e eles te dirão. Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando separava os filhos dos homens, fixou os limites dos povos por causa do número dos filhos de Israel.
(Deuteronomio 32:7,8)

Desse modo, as histórias genealógicas dos povos eram aprendidas por cada judeu, passando de geração a geração através da oralidade como também nos mostra o relato no livro de *Yhoshua*: *Então Josué disse a todo o povo: Assim diz o SENHOR Deus de Israel:*

²⁸ Fazemos aqui uma breve explanação da antiguidade do chamado “Crescente Fértil” de maneira ilustrativa, não estamos afirmando que Josefo tinha o conhecimento a tais dados. Porém, frisamos o retorno a esse passado longínquo dessa região realizado pelo mesmo com base nos seus textos sagrados.

*Dalém do rio antigamente habitaram vossos pais [...] (Josué 24:2)*²⁹. Passaremos a percorrer, então, juntamente com Josefo o esquema de origem do povo judeu, fonte essa retirada da própria Torá e reforçada na sua escrita, para fins identitários.

Josefo coloca como o primeiro elemento para a diversidade cultural, a diversidade linguística que obrigou a dispersão dos povos em uma antiguidade longínqua. No capítulo 5 do seu primeiro livro há o relato de como os nomes originais dos lugares forma mudados pelos gregos que estabeleceram o seu governo em várias partes do mundo. [...] *os gregos foram os principais autores dessa mudança, pois, havendo-se tornado senhores de todos esses países, davam-lhes nomes e como bem desejavam impunham leis aos povos conquistados, usurpando, assim a glória de passar por seus fundadores* (JOSEFO, AJ I, 5, p.85). Finley destaca que durante meio século os exércitos gregos e macedônios passaram a combater no estrangeiro e formaram uma nova classe dirigente, subordinando diversos povos. Os sucessores de Alexandre, o Grande, fundaram novas cidades com elementos característicos da *polis* grega: Templos, ginásios, assembleias, conselhos, magistrados, enfim, houve uma difusão da cultura grega. (FINLEY,1963: p.147).

Então, recorrendo aos nomes originais, Josefo mais uma vez retroage para a “essência” da organização étnica mundial para dispor posteriormente qual seria na verdade o lugar em que o povo hebreu estaria inserido e em seguida articulará sua discussão nas bases da identidade judaica e da importância do seu povo no cenário mundial. Josefo monta suas bases na tríade noética: Sem, Cam e Jafé³⁰.

Na origem do povo hebreu, no livro I, Josefo traça a genealogia hebraica a partir de Sem, filho de Noé, e também nos mostra como os demais povos foram originados dessa mesma família. No caso dos hebreus, Sem, segundo Josefo e à luz dos textos hebraicos, como ele mesmo menciona, possuía cinco filhos: Elão, Assur, Arpachade, Lude e Arã³¹; os quais deram origem à gênese hebraica no mundo antigo. Elão foi o patriarca dos elameenses que Josefo aponta como os persas. Assur foi patriarca da cidade de Nínive onde se localizava o povo assírio. Arfaxade esteve à frente dos arfaxadeenses que ficaram conhecidos como os caldeus. Arã deu origem aos arameenses, povo sírio. E, por fim, Lude foi o patriarca dos ludeenses, que para Josefo seriam os povos lídios.

Vejamos no esquema abaixo:

²⁹ וַיֹּאמֶר יְהוֹשֻׁעַ אֶל-כָּל-הָעָם כֹּה-אָמַר יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל כִּי עָבְדוּ הַנְּהָרִים וְשִׁבְיֵי אֲבוֹתֵיכֶם מֵעוֹלָם [...]

³⁰ שֵׁם - Shem, חָם - Cham, יָפֶת - Yafet

³¹ לֹד - Lud, אֲרָם - Aram, אֲרַפְחָשַׁד - Arpacheshad, אַשּׁוּר - Ashur, עֵילָם - Eilam.

Filho de Noé	Patriarca étnico	Povos originados por seus nomes referente à descendência.	Povos conhecidos por seus nomes gregos.
Sem - שֵׁם	Elão - עֵילָם	Elameenses	Persas
	Assur - אַשּׁוּר	Ninivitas	Assírios
	Arfaxade - אַרְפַּכְשָׁד	Arfaxadeenses	Caldeus
	Arã - אַרְאָם	Arameenses	Sírios
	Lude - לוּד	Ludeenses	Lídios
Cam - חָם	Cuxe - כּוּשׁ	Cuxeenses	Etíopes
	Mizraim - מִצְרַיִם	Mizraenses	Egípcios
	Pute - פּוּט	Puteenses	Libaneses e Mauritaneses
	Canaã - כְּנָעַן	Canaanitas	-
Jafé - יָפֶת	Gomer - גֹּמֶר	Gômeres	Gálatas
	Magogue - מָגוּג	Magogianos	Citas
	Javã - יָוָן	-	Jônios
	Madai - מְדַי	Madianos	Medas
	Tubal - תּוּבַל	Tubalinos	Íberos
	Meseque - מֶשֶׁקֶד	Mescinianos	Capadócijs
	Tiras - תִּירָס	Tírios	Trácios

Seguindo a descendência de Arfaxade nós teremos Salá que gerou Éber³², no qual se tornou o nome que designou o povo hebreu. [...] *Arfaxade foi pai de Salá, e Salá, pai de Éber, de cujo nome dos judeus foram chamados hebreus* (JOSEFO, *AJ* I, 5, p.85). O primeiro exercício josefiano na sua explicação identitária essencialista da história foi a explicação etimológica dos hebreus. O próprio exercício etimológico nos dá essa idéia de busca pela verdade, por uma origem, ou por um passado em comum, já que a palavra etimologia tem sua origem grega, remontando as teorias gramaticais helênicas, no estudo filológico que perpassa a filosofia clássica. Para Platão, por exemplo, ‘*étymon légein*’, *dizer a verdade* consistiria num [...] *escopo de sua pesquisa para a filosofia, ou seja, a busca da verdade e há de chegar à decepcionante conclusão da precariedade da linguagem em retratar a realidade exterior* (DA SILVA: 2011).

Esse exercício apologético de Josefo busca encontrar bases para a veracidade e verossimilhança dos fatos, apoiando-se em “provas” quer sejam elas documentais, quer

³² עֵבֶר - Ever - שְׁלַח - Shalach

sejam filosóficas de caráter argumentativo, e até filológicas, conservadas as devidas proporções.³³

Podem-se ainda ver nos dias de hoje os originais dessas duas cartas, não somente nos nossos arquivos mas também nos dos tírios. Se alguém quiser consultá-los, terá apenas de pedir aos que têm o encargo de guardá-los e verá que os reproduzi fielmente. Julguei necessário dizer isso para dar a conhecer que nada acrescento à verdade e que o desejo de tornar a minha história mais agradável não me faz misturá-la com coisas inverossímeis. Assim, rogo aos que a lerem que lhe prestem fé e se convençam de que eu me julgaria um criminoso, merecendo que a rejeitassem inteiramente, se não me esforçasse em tudo para dizer a verdade com base em provas bem sólidas (JOSEFO, *AJ* VIII, 2, p.382).

Vemos nesse momento que Josefo recorre a descrever o povo hebreu, que posteriormente ficariam conhecidos como judeus, como o povo que veio de Éber, que por sua vez tinha como seu pai Arfaxade, como descrevemos anteriormente, e teriam como irmãos os povos Persas, Assírios, Caldeus, Sírios e Lídios, povos que habitavam o Crescente Fértil e seu entorno. Uma definição essencialista dos Hebreus estaria focada em características que todos partilham, nesse caso, o passado comum na sua raiz genealógica. A busca por uma espécie de “pureza judaica” nas relações de parentesco nos dá um olhar “fixo” e “imutável” na definição do povo judeu (WOODWARD: 2014).

A problemática na definição dos judeus perpassa por uma história marcada por diversas invasões nas terras judaicas. O contato e aproximação com o estrangeiro (*ger - גר*) trazia contornos arriscados para a preservação da identidade judaica. Degan nos mostra que o termo grego *ioudaíos* usado por Josefo possui três significados básicos no período pós-helenização. Primeiro judaico, em função do nascimento e da geografia; segundo judeu, em função das práticas religiosas e culturais e em terceiro lugar, para designar o cidadão que estava sob o domínio da circunscrição da Judeia sob o governo Asmoneu e Herodiano (DEGAN, 2013: p. 38). A retroação josefiana ao povo que veio de Éber, os Hebreus, na sociedade do período pré-estatal, lançam consigo uma função essencialista na tradução e exposição da concepção judaica sobre si mesmo. Após as inúmeras invasões que “pluralizaram” o “ser” judeu e dificultaram a sua definição num sentido mais estrito, como é realizado nos textos sagrados, a problemática da “crise de identidade”, marcada pelo contexto político conturbado vivido por Josefo, o movimenta

³³ Sobre a historicidade da palavra etimologia ver: DA SILVA, A. Usos do Dicionário. PRINCIPIA: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras - LECO - INSTITUTO DE LETRAS - CEH - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ano 14, Nº. XXIII, 2011.

a retroagir e buscar marcações simbólicas para a manutenção da identidade judaica. A primeira marcação que identificamos é o “povo que veio de Éber”. Kathryn afirma que a identidade é, na verdade, relacional e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (WOODWARD, 2014: p. 13).

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção da identidade. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido às práticas e às relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais (WOODWARD, 2014: p. 14).

A marcação simbólica do “povo que veio de Éber”, ou seja, os Hebreus traz consigo uma prática social comum entre os judeus, a língua hebraica. O hebraico (*ivrit* - עברית) teve sua origem, segundo os linguistas, no Crescente Fértil e se enquadra nas chamadas línguas semíticas, que seriam, no sentido etimológico, as línguas provenientes dos descendentes de Sem. Os idiomas semíticos são divididos em três grupos gerais: O Semítico Oriental, conhecido também como acádio que abrange as regiões da Mesopotâmia, o tronco linguístico da Assíria, de Acade e da Babilônia; o Semítico do Noroeste, falado na região Síria-Palestina, na qual se destaca o ugarítico que representa uma escrita cuneiforme mais simples do que o acádio, no qual se dividiu entre o aramaico e o cananeu do qual os principais dialetos são o fenício e o hebraico; e por fim, o Semítico do Sul que é representado pelos dialetos árabes antigos (sabeano e mineano), o árabe clássico e o etíope (*Ge'ez*). No caso do hebraico bíblico também chamado de clássico, era a língua utilizada pelo povo judeu desde 1200 a.C que marca a conquista da terra de Canaã, até 134 d.C com a revolta de Bar Kokhba contra os romanos e a grande dispersão (BEREZIN, 1998: p. 19; SOUZA, 2008: p. 6; ROSS, 2013: p. 15-18). Josefo cita a língua hebraica num período bem anterior:

Como falavam em língua hebraica, julgavam que ninguém os entendia. José, no entanto, ficou tão comovido ao vê-los quase levados ao desespero que, não podendo reter as lágrimas e não querendo ainda dar-se a conhecer, retirou-se da presença deles (JOSEFO, *AJ*, II, 3, p. 126).³⁴

³⁴ Sabemos que a língua hebraica teve toda uma historicidade para chegar à forma que reconhecemos como “hebraico bíblico”, como descrevemos anteriormente. O dialeto falado pelos patriarcas possuía as suas particularidades. Nosso destaque aqui está na ênfase dada por Josefo.

Josefo prossegue na genealogia de Éber, e nos traz o segundo ponto que destacaremos como ponto em comum na identificação do judeu.

Depois de haver falado dos descendentes de Sem, é preciso agora falar dos hebreus, descendentes de Éber. Pelegue, filho de Éber, teve por filho Reú. Reú teve Serugue, Serugue teve Naor e Naor teve Terá, pai de Abraão, que assim foi o décimo desde Noé e nasceu duzentos e noventa e dois anos após o dilúvio, pois Terá tinha setenta anos ao nascer Abraão. Naor tinha vinte e nove anos quando teve Terá, Serugue tinha trinta anos quando teve Naor, Reú tinha trinta e dois anos quando teve Serugue, Pelegue tinha trinta anos quando teve Reú, Éber tinha trinta e quatro anos quando teve Pelegue, Sala tinha trinta anos quando teve Éber. Arfaxade tinha trinta e cinco anos quando teve Sala e Arfaxade, filho de Sem e neto de Noé, nasceu dois anos após o dilúvio (JOSEFO, *AJ.* I, 6, p. 88).

Sobre a figura de Abraão³⁵ Josefo se dedica no Livro I a descrevê-lo de maneira imponente, o colocando como alicerce moral do povo judeu, uma espécie de *pater familias*³⁶ de Israel. Na organização seminômade patriarcal de algumas tribos dos povos semitas na época abraâmica, o *pater familias* tem como principal função a liderança do clã ou da tribo como no caso romano no governo da casa. No caso hebraico o termo usado é *ab*³⁷, e a agregação de pessoas sob sua jurisdição *mispaha*³⁸, que designa unidades de parentesco consanguíneo o “clã”, na qual abrangia o círculo de pessoas de origem comum, que também peregrinava em conjunto e morava em acampamentos ou povoados de tendas. Outro termo empregado é *beit ab*³⁹ para designar de forma mais geral a “grande família”, ou seja, todos os membros da comunidade que estão sob liderança do *ab*, incluindo todas as relações de parentesco. No período patriarcal os dois termos não possuíam uma distinção (THIEL:1993). O fato é que, Abraão aparece na sua *sui generis* como um *ab* diferenciado dos demais semitas. Josefo afirma que *Abraão era homem muito sensato, prudente e de grande espírito e tão eloquente que podia persuadir sobre o que quisesse* (JOSEFO, *AJ.* I, 7, p. 89). É importante lembrarmos que Josefo se dedica à escrita de sua obra para a leitura do “outro”, não sendo endereçada a sua escrita diretamente para os judeus, mas sim para os estrangeiros, tanto gregos como romanos e

³⁵ אַבְרָהָם - *Avraham*.

³⁶ Para a questão do *pater familias* na sociedade romana ver (ROBERT: 1995, p. 18)

³⁷ אָב - pai. *Tradução nossa*.

³⁸ מִשְׁפָּחָה - Família. *Tradução nossa*.

³⁹ בֵּית אָב - Casa do pai ou casa paterna. *Tradução nossa*. Conceitualmente o termo pode ser definido como “grande família” (THIEL:1993)

demais povos sob domínio romano. Josefo então destaca Abraão, *pater familia* hebreu, de maneira em que a sua *virtus, pietas e fides*⁴⁰ sejam enfatizadas no seu texto.

Virtus, pietas, fides, disciplina, respeito, fidelidade aos compromissos – era este o ideal romano. Esta trilogia domina todos os aspectos da vida, militar, familiar, econômica e social, e pensamos que a religião não fazia mais que garanti-la, assegurando a sua eficácia para além do mundo visível, em todos os sistema das coisas. [...] Roma tem a ambição de se precaver, à custa de sabedoria e disciplina, contra a pobreza, a servidão e a morte. Está persuadida de que boas leis e a prática das verdadeiras virtudes pelos cidadãos bastam para preservar uma cidade do declínio fatal que atinge todos os seres vivos (GRIMAL,1984: p. 71).

Josefo continua sua descrição das características notáveis de Abraão afirmando que:

Como nenhum outro o igualava em capacidade e em virtude, deu aos homens um conhecimento muito mais perfeito da grandeza de Deus, como jamais tiveram antes. Foi ele quem primeiro ousou dizer que existe um só Deus, que o universo é obra das mãos dEle e que a nossa felicidade deve ser atribuída unicamente à sua bondade, e não às nossas próprias forças (JOSEFO, *AJ*. I, 7, p. 89).

Josefo então vai direcionar-se às bases da fé judaica, o monoteísmo. Abraão então se destaca dentro da história judaica na Torá onde ele é descrito como *av hamon goim*⁴¹, pai de muitas nações. O exemplo de *pater familias*, àquele que além de possuir muitas virtudes, possuía uma característica que o diferenciava dos demais, nesse “jogo da différence”(HALL:2014), porém sobre a figura de Abraão não repousa somente a figura de pai da nação judaica, mas de várias nações. O elemento patriarcal que vai ser o eixo de ligação de Josefo para a unidade judaica vai ser o “Deus de Abraão” e o concerto feito pelo “Deus de Abraão”. Nesses dois casos vamos ver o movimento discursivo de Josefo para firmar uma essência religiosa comum e uma essência territorial também comum à nação judaica. No primeiro caso, o monoteísmo vai ser uma marca do povo judeu, Josefo afirma que:

As diversas nações que existem no mundo governam-se de maneiras diferentes: umas abraçam a monarquia; outras, a aristocracia; outras, a democracia. Mas nosso divino legislador não estabeleceu nenhuma dessas espécies de governo. Escolheu uma república, a qual podemos dar o nome de Teocracia, pois que a fez inteiramente dependente de Deus e ao qual nós consideramos como o único autor de todo bem, que prove às necessidades gerais de todos os homens. Só a Ele

⁴⁰ Para ver mais detalhes

⁴¹ אב המון גוים

recorremos em nossas aflições e estamos persuadidos de que não somente todas as nossas ações lhe são conhecidas, mas de que penetra mesmo todos os nossos pensamentos (JOSEFO, *CAp.* II, 7, p. 1479).

Já descrito no *Shemá Israel*⁴² e como base da fé judaica, Josefo enfatiza no livro *Antiguidades Judaicas* que Abraão vai ser o precursor do monoteísmo que posteriormente seria uma marca dos demais patriarcas e do povo judeu. Subsequentemente ele relata a vida dos demais patriarcas pontuando e relacionando com a Torá os principais eventos que envolvem esses personagens. Na sua narrativa Josefo enfatiza, através de Abraão, descrito na antiguidade dos judeus, a promessa da Terra Prometida, na qual Abraão dá início a peregrinação até o local onde se estabeleceria futuramente Israel. Portanto, em Abraão se inicia a promessa da Terra Prometida, mas é na figura de Moisés que ela é concretizada. Falando sobre a importância de Moisés para a nação judaica Josefo destaca:

A predição divina realizou-se inteiramente nele, pois Moisés tornou-se a maior personagem que jamais existiu entre os hebreus. [...] À medida que Moisés crescia, demonstrava muito mais espírito e inteligência que o permitido pela sua idade. Mesmo brincando, dava sinais de que um dia seria alguém extraordinário. Quando completou três anos, Deus fez brilhar em seu rosto uma tão grande beleza que as pessoas, mesmo as mais austeras, ficavam arrebatadas. Ele atraía sobre si os olhares de todos os que o encontravam e, por mais pressa que tivessem, eram obrigados a parar para contemplá-lo (JOSEFO, *AJ.* II, 5, p. 140).

É a através de Moisés que Josefo consegue relatar a sua “História dos hebreus”, sua fonte escriturística firma bases nele, com Moisés os textos sagrados são recebidos pelo próprio Deus, por meio da “revelação”. Qual povo teria o privilégio de receber a sua legislação pelas mãos divinas? Moisés, se torna então, o intermediador desse tão grande feito, lançando bases para toda estrutura legislativa e religiosa do futuro Israel. Josefo, segue seu texto apresentando vários personagens que marcaram a sociedade judaica, destacando pontos positivos que exaltam a nação judaica, fazendo uma espécie de apologia nacional. O governo, a Lei, o culto, todos esses elementos da cultura judaica são unificados no seu discurso em prol de uma identidade judaica. As diferenças são superadas, para a promoção da nação do povo judeu.

⁴² Uma das principais orações e citações da fé judaica: Escuta, Israel! O Eterno é o nosso Deus, o Eterno é um! - שמע ישראל יהוה אחד יהוה אחד יהוה אחד יהוה אחד יהוה אחד (Melamed:2001)

Capítulo II

“Antiguidades Judaicas”:

Diferença e Identidade

No capítulo anterior descrevemos como, na obra “Antiguidades Judaicas”, Flávio Josefo, expôs o passado judeu a partir de características comuns e singulares que marcavam a identidade judaica. Demonstramos como as discussões essencialistas da história, feitas por Josefo, trazem marcas de um passado em comum para tentar traduzir o que seria o povo judeu. Nesse segundo momento é a problematização das escolhas inicializantes de que lança mão Josefo que estaremos evidenciando. Problematização que fazemos a partir da articulação entre diferença e identidade enquanto dando suporte às pertencas judias construídas por Josefo em sua obra.

Destacamos como a produção de identidades possui questões bem mais complexas que por vezes colocam em “xeque” conceitos ou descrições essencialistas sobre determinado povo, que fundamentam a identidade em uma “verdade”, em um passado comum, em uma história “compartilhada”, lançando suas bases em um fundamento, ou na tradição.

Tomaz Tadeu da Silva no seu ensaio: “A produção social da identidade e da diferença”, destaca que a questão do multiculturalismo trouxe inúmeros questionamentos a respeito da convivência com a diferença, de como essa identidade pode ser concebida se não nos atermos à própria diferença como referencial. A identidade é marcada, sobretudo por aquilo que “não é”. Os argumentos que olham a identidade em torno dela mesma visando apenas evidenciar um “tronco” em comum não são satisfatórios para descortinarmos a questão da identidade. Nas palavras de Tomaz Tadeus da Silva:

Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente a primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não somente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual *tanto* a identidade *quanto* a diferença (compreendida aqui como resultado) são produzidas. Na sua origem estaria a diferença-compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação (SILVA, 2014: p. 76).

A identidade então passa a ser compreendida como uma construção linguística (SILVA, 2014: p. 76), onde se incluem argumentos que a interligam em um ponto comum

e outros elementos que a diferenciam de outras identidades; porém sempre haverá um exercício no discurso para “selecionar” aspectos que unem a descrição de um povo, etnia, nação; o que excluirá a complexidade da cultura de maneira mais estrita.

A chamada “crise de identidade” vivida na pós-modernidade, como aponta Stuart Hall, coloca a discussão da identidade em evidência, mostrando como as várias implicações do sujeito tornam essa identidade múltipla e fluida colocando uma complexidade ainda maior na questão, dificultando a sua descrição. As mudanças ocorridas no mundo contemporâneo trouxeram essas questões de maneira bem mais visível devido ao contexto globalizado em que estamos inseridos. Os movimentos nacionalistas que visam afirmar uma identidade mais homogênea tornaram a discussão ainda mais dramática e passível de ser contestada como afirma Kathryn Woodward

O passado e o presente exercem um importante papel nesses eventos. A contestação no presente busca justificção para criação de novas – e futuras – identidades nacionais, evocando origens, mitologias e fronteiras no passado. Os atuais conflitos estão, com frequência, concentrados nessas fronteiras, nas quais a identidade nacional é questionada e contestada. A desesperada produção de uma cultura sérvia unificada e homogênea, por exemplo, leva a busca de uma identidade nacional que corresponda a um local que seja percebido como “terra natal” dos sérvios (WOODWARD,2014: p. 24).

Definir uma identidade no discurso torna-se um desafio em que os atores envolvidos se debruçam na evocação de inúmeros elementos que a marquem de maneira simbólica. As trocas culturais e o dinamismo em que a cultura está disposta faz com que qualquer descrição ao nível da linguagem se torne “restritivo” ou “seletivo”. No contexto judaico de inúmeras invasões que ocorreram no território de Israel, falar de uma identidade “pura” torna-se, também, um esforço linguístico, pois as trocas culturais, o contato com o estrangeiro, fizeram com que o povo de Israel se aproximasse de práticas “estranhas”, àquelas que executavam em sua cotidianidade, tornando-se fatores que foram postos em um estado de alerta para a identidade judaica, sendo descrito até advertências dentro dos *mitsvot*⁴³ da Torá. A Lei advertia quanto aos contatos com estrangeiros, que poderiam prejudicar o crescimento salutar da nação judaica e levar a desobediência dos seus costumes.

A Lei mosaica é clara quanto aos perigos que o contato com os estrangeiros poderia ocasionar, por isso mostra como seria o tratamento dos estrangeiros nas terras

⁴³ מצוות – mandamentos.

israelitas. O “bom convívio” deveria ser observado, porém havia uma série de cuidados que se deveria tomar. A Torá destaca que [...] *uma mesma lei haja para o natural e para o estrangeiro que peregrinar entre vós* (Ex. 12.49)⁴⁴. Não poderia haver portanto, distinção entre o natural ou nativo (*ezrach*, אֶזְרָח) e estrangeiro (*ger*, גֵּר) que habitasse nos territórios pertencentes a Israel, a hospitalidade teria de ser observada segundo a lei, já que, como os israelitas foram estrangeiros em terras egípcias e usufruíram da receptividade do Egito⁴⁵, deveriam proporcionar àqueles que peregrinassem em Israel, as benesses da Terra Prometida. A memória de escravidão deveria ser preservada para que pudesse servir de testemunho para os filhos judeus a benignidade de *Adonai* no cumprimento das promessas feitas a *Abraham, Ytschac e Yakov*.

כְּאֶזְרָח מִמֶּנּוּ יִהְיֶה לְכֶם תְּגֵר תֵּגֵר אֶתְכֶם וְאָהַב לוֹ כְּמוֹד כִּי-גֵרִים הָיִיתֶם בְּאֶרֶץ
 מִצְרַיִם אֲנִי יְהוָה אֱלֹהֵיכֶם:
 (Vayikrá 19:44)

Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco: amá-lo-
 áis como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito: Eu sou o
 SENHOR vosso Deus.
 (Levítico 19:44)

A condição de *ger* variou muito durante a história antiga de Israel. O *ger* poderia tanto ser um estrangeiro, que não possuía terras, quanto o próprio israelita de outra Tribo que peregrinasse na região. Geralmente os estrangeiros⁴⁶ trabalhavam como prestadores de serviços, Winfried Thiel aponta que até os próprios levitas são colocados na posição de *ger*, por não possuírem terras, trabalhando apenas nos ofícios sacerdotais, por isso deveriam ser “asilados” pelo povo. A princípio, a hospitalidade era praticada sem muita

⁴⁴ תּוֹרַת אַחַת יִהְיֶה לְאֶזְרָח וְלִגֵּר תֵּגֵר תֵּגֵר בְּתוֹכְכֶם: - *Torah achat ihieh laezrach v'lager hagar b'toch'chem*.

⁴⁵ Na questão de “usufruir do Egito” estamos nos referindo ao período em que os israelitas trabalhavam na terra de *Gosém* (אֶרֶץ גֹּשֶׁן) e possuíam o apoio de Faraó, pois segundo a *Torah*, José filho de Jacó (בֶּן יַעֲקֹב) governava o Egito e conseguiu benefícios de Faraó.

⁴⁶ Quanto à questão do *ger* e sua historicidade, ver as referências a seguir feitas por Winfried Thiel no seu livro *A sociedade de Israel na época pré-estatal*: A. BERTHOLET, *Die Stellung der Israeliten und der Juden zu den Fremden*, Freiburg i. B., 1896; BUHL, *Verhältnisse*, pp. 47-49; WEBER, *Judentum*, pp. 33-44 (cf. nota 2 acima); PEDERSEN, *Israel I-II*, pp. 40-42; HEMPEL, *Ethos*, pp. 145-147; J. VAN DER PLOEG, "Sociale groeperingen in het oude Israel", *JEOL*, 8:642-650 (sobretudo pp. 642-646), 1942; K.-L. SCHMIDT, "Israels Stellung zu den Fremden und Beisassen und Israels Wissen um seine Fremdlings- und Beisassenschaft", *Judaica*, /:269-206, 1946; K. GALLING, "Das Gemeindegesetz in Deuteronomium 23", in: FS A. Bertholet, Tübingen, 1950, pp. 176-191; E. MARMORSTEIN, "The Origins of Agricultural Feudalism in the Holy Land", *PEQ*, 85:111-117, 1953; R. NORTH, *Sociology of the Biblical Jubilee*, Rome, 1954, pp. 140ss. (AnBibl, 4); G. STÄHLIN, "Die Einstellung zum Fremden bei Israeliten und Juden", *ThWNT V*: 8-14; K. G. KUHN "Der ger im Alten Testament", *ThWNT V7*:728-730; VAN LEEUWEN, *Développement*, pp. 31-33; E. HÄUSLER, "Sklaven und Personen minderen Rechts im Alten Testament", dissertação fil. (datilografada), Kòln, 1956, pp. 105-135; DE VAUX, *Lebensordnungen I*, pp. 124-127; R. MARTIN-ACHARD, "gur", *THAT I*:409-412; D. KELLERMANN, "gür", *ThWAT I*:979-991.

resistência, dada a condição nômade dos Patriarcas. A Torah enfatizava a necessidade de receber bem os *gerim*, pois como *Abraham* havia hospedado anjos em sua casa, qualquer judeu poderia ser surpreendido pela presença de um mensageiro de *Adonai*. Winfried Thiel (1993, p. 127), também nos mostra que no período pré-estatal os *gerim* eram pessoas que haviam sido arrancadas de seus contextos étnicos tradicionais por fatores adversos do destino e se viam obrigados a viver como estrangeiros em outra comunidade. Não possuindo terras, também eram destituídas de direitos e necessitavam de uma proteção legal constante, seja por parte do grupo todo, seja por parte de uma família poderosa.

Havia, entretanto, um alerta para que o povo não comungasse com as práticas estrangeiras, que eram vistas como pagãs. Desse modo qualquer estrangeiro que habitasse nas terras israelitas deveria seguir a lei israelita, ou seja, a Lei de Moisés (*Torah Mosher*, תּוֹרַת מֹשֶׁה). De maneira alguma um israelita poderia liberar práticas pagãs no seu território, pois havia um pacto feito com *Adonai*, que se fosse quebrado, na concepção judaica, acarretaria sérias consequências. O principal castigo para o povo que praticasse a idolatria, ou literalmente no hebraico a adoração estranha (*Avodah zarah*, אַבּוֹדַת זָרָה), era o retorno à condição de escravo. A condição de servo de outras nações seria uma consequência ao envolvimento com as práticas de povos que não conheceriam o verdadeiro Deus (יהוה).

וְעַבְדָּתָּ אֶת-אֲיִבֶיךָ אֲשֶׁר יִשְׁלַחֲנוּ יְהוָה בְּךָ בְּרָעַב וּבְצָמָא וּבְעִירֹם
 וּבְחָסֶר כָּל וְנָתַן עָלַי בְּרִזָּל עַל-צַוְאַרְךָ עַד הַשְּׁמִירוֹ אֹתָךְ:
 (Devarim 28:48)

Assim servirás aos teus inimigos, que o SENHOR enviará contra ti, com fome e com sede, e com nudez, e com falta de tudo; e sobre o teu pescoço porá um jugo de ferro, até que te tenha destruído. (Deuteronômio 28:48)

Claro que a hospitalidade e o cuidado nas relações interétnicas não foram respeitadas, vários profetas advertiram nos seus escritos quanto ao problema de, por uma parte, o desrespeito ao *ger* que estava estabelecido no seu território, [...] e ao estrangeiro oprimem sem razão (Ezequiel 22:29b)⁴⁷, por outra, as relações muito “aproximadas” que faziam com que o povo descumprisse os estatutos da lei de Moisés e se envolvesse com

⁴⁷ וְאֶת-הַגֵּר עָשָׂקוּ בְלֹא מִשְׁפָּט: *v'et hager ash'ku b'lo mishpat*.

práticas estranhas, [...] *Efraim com os povos se mistura; Efraim é um bolo que não foi virado* (Oséias 7:8)⁴⁸, ou seja é o resultado de hibridismo cultural.

As várias invasões no território israelita (como no período dos Juízes e no período monárquico de Israel) foram, segundo os escritos sagrados, a consequência dessas relações. Um dos exemplos mais tocados nesse contexto é o Rei Salomão⁴⁹ que se envolveu com esposas estrangeiras, sendo estas, segundo o relato bíblico, responsabilizadas por tirá-lo da presença de *Adonai*.⁵⁰ Essa questão de descumprimento das ordens divinas mais uma vez estaria a se repetir no contexto da escritura de Flávio Josefo, conforme assevera:

Não é evidente então que jamais o caminho das armas nos não foi favorável em semelhantes ocasiões, mas que os assédios que sustentamos nos foram sempre funestos? Não tenho pois eu razão em acreditar que aqueles que ocupavam um lugar tão sagrado, como o Templo, devem, sem confiar em forças humanas, abandonar-se inteiramente ao governo de Deus, quando sua consciência não lhes censura ter desobedecido às suas leis? Mas haverá uma das ações que mais Ele tem em abominação, que não a tenhais cometido? E de quanto sobrepujais em impiedade àqueles que vimos tão repentinamente feridos pelos raios da sua justiça? Os pecados ocultos, como os latrocínios, as traições, os adultérios, vos parecem muito comuns. Praticais a porfia, a rapina, os assassínios e inventastes mesmos novos crimes. Fazeis do Templo vosso refúgio, e esse lugar sagrado, tão respeitado pelos romanos, que lá adoravam a Deus, embora o culto que nós lhe prestamos não esteja de acordo com sua religião, foi conspurcado pelos sacrilégios daqueles cujo nascimento obriga à observância de suas leis e que são o seu mesmo povo. Podeis esperar, depois de tudo isso, ser ajudado por aqueles a quem ofendeis com tantos crimes? (JOSEFO, *BJ*. V, 26, p. 1319).

Josefo percebia que a invasão romana era uma consequência aos vários pecados da nação de Israel, que desde o seu último exílio ainda não tinha conseguido restabelecer a antiga ordem do povo de Israel. Aqueles que detinham o poder, apesar de serem de famílias sacerdotais cometiam vários crimes que, para Josefo, degradavam ainda mais a ordem naquela sociedade. As inúmeras disputas entre grupos se intensificavam enquanto Pompeu marchava progressivamente ao encontro de Jerusalém e encontrando os judeus. Vemos então que existia toda uma pluralidade na Judeia, porém havia busca por um modelo de judeu em que não estivesse associado às práticas estrangeiras, tentando trazer, como uma qualidade maior a “pureza judaica”, como vimos no capítulo anterior. Hall enfatiza o seguinte:

⁴⁸ אֶפְרַיִם בְּעַמִּים הוּא יְהוּבוֹלָל אֶפְרַיִם הָרָה נֶגְהָ בְּלִי הַפּוּכָה: - *Efraim baamim hu it'bolal Efraim haiah ughah b'li hafuchah.*

⁴⁹ מֶלֶךְ שְׁלֹמֹן - *Melech Shlomón*

⁵⁰ Ver I Reis cap. 11.

Esta seção volta-se agora para a questão de se saber se as culturas nacionais e as identidades nacionais que elas constroem são realmente *unificadas*. Em seu famoso ensaio sobre o tema, Ernest Renan disse que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: “...a posse em comum de um rico legado de memórias..., o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisiva, a herança que se recebeu”[...] Devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma “comunidade imaginada”: as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da herança (HALL, 1998: p. 58).

Hall então nos mostra que não importa o quanto diferentes os membros de determinada sociedade possam ser em termos de classe, gênero ou raça, o projeto de uma identidade unificada sempre buscará representá-los como sendo um todo consistente, como se pode perceber em suas palavras: *Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade* (HALL, 1998: p.62).

Benedict Anderson (ANDERSON: 2008) no seu livro *Comunidades Imaginadas*, discute como as nações são imaginadas como comunidades unificadas, independente das inúmeras diferenças encontradas no seu território estabelecem essa ideia de unicidade. No entanto elas são “inventadas” no jogo discursivo, não existindo uma comunidade “verdadeira”, pelo motivo de sempre haver uma espécie de construção no imaginário social. *Abolem-se divisões cronológicas claras, e em seu lugar se estabelecem regimes de temporalidade que jogam para a esfera do mito o passado e os momentos de fundação* (ANDERSON, 2008: p.12).

Martin Goodman (1994, p.15-28) nos mostra o quadro problemático da administração da Judeia no início do século I d.C., onde as tensões de relacionamento da população judaica com o governo romano levaram a uma série de conflitos. Algumas atitudes romanas causaram inúmeras revoltas, a exemplo disso tem-se a atitude de Pilatos de trazer os estandartes romanos com a imagem do imperador, o uso do dinheiro destinado ao Templo para a construção de aquedutos, além de outros eventos pontuais. Observamos, porém, que essas dissensões na Judeia não se dão apenas na relação com o estrangeiro; a disputa de poder também é observada por Goodman, da esfera judaica. Os grupos judaicos já possuíam inúmeros embates dentro da Judeia antes mesmo do governo estrangeiro romano ter adentrado no seu território. Josefo nos aponta que um dos motivos para a própria anexação do território à Roma foram as divisões existentes na Judeia. Então vejamos:

[...] Quem nos levou à guerra contra os romanos, senão nossas divisões e nossos crimes? Não foi essa a causa principal de nossa escravidão, quando da contestação entre Aristóbulo e Hircano, animando-lhes o furor, um contra o outro, deu motivo a Pompeu de atacar Jerusalém e fez que Deus submetesse os judeus aos romanos porque o mau uso que eles faziam da liberdade os tornavam indignos de gozar da mesma? (JOSEFO, *BJ*. V, 26, p. 1318).

Alexandre Janeu governou Israel entre os anos de 103 a.C a 76 a.C, conquistando quase toda a terra de Israel⁵¹. O território judeu atingiu o seu tamanho máximo. As várias campanhas para repelir os inimigos selêucidas, Demétrio III e Antíoco XII, o rei de Chipre, Ptolomeu Latiro e os reis nabateus lograram êxito e acrescentaram o domínio a várias cidades, alargando o seu comando. Porém, as dissensões internas entre os saduceus e os fariseus, que desde o governo de Hircano I que, ofendido pelos fariseus, deixa a seita dos fariseus e associa-se aos saduceus, criam um “mal-estar” no governo interno da Judeia, já que Josefo nos mostra a disputa não somente no campo religioso, mas também na esfera política desses dois grupos.

A entrada de Hircano I no grupo dos saduceus, que representava a esfera da alta sociedade judaica, originou uma perseguição aos fariseus, castigando todos aqueles que aderiam aos estatutos farisaicos. Criando um clima de ódio na Judeia. O grupo dos fariseus, que Josefo trata como seita, entendiam a *Torah* através dos costumes e da “Lei Oral”, Martin Goodman aponta a possibilidade de esse grupo interpretar os escritos por meio de um “verniz” de “bom senso”, de acordo com os tribunais já estabelecidos nos povoados, para dessa forma conseguir solucionar questões mais complexas. Os saduceus recusavam-se a agir dessa maneira, afirmando que a Lei de Moisés deveria ser interpretada e aplicada por ela mesma, sem a intervenção de fontes externas (GOODMAN, 1994: p. 83).

Após a morte de Hircano I, Aristóbulo I seu filho, ascende ao trono da Judeia, encerrando no cárcere sua mãe e seus irmãos, dentre eles Alexandre Janeu, que só consegue assumir o poder em 103 a.C (AHARONI, 1999: p. 158.) depois que a rainha Alexandra, também conhecida por Salomé, após a morte de Aristóbulo, o retira da prisão. Mesmo com um novo rei a insatisfação da população ainda continuava.

Ao mesmo tempo, Alexandre, rei dos judeus, viu turbar-se o seu reino, pelo ódio que o povo tinha contra ele. No dia da festa dos Tabernáculos, quando se levam ramos de palmas e de limoeiros, ele preparava-se para oferecer sacrifício. O povo

⁵¹ Entendemos por Terra de Israel a demarcação territorial realizada após a conquista de Canaã por *Yhoshua* filho de *Num* (יהושע בן-נון).

não se contentou de lhe lançar limões à cabeça, mas o ofendeu com palavras, dizendo que, tendo sido escravo, ele não merecia honra alguma e era indigno de oferecer sacrifícios a Deus. Ele ficou de tal modo enfurecido que mandou matar uns seis mil deles e em seguida reprimiu o esforço da multidão irritada com uma cerca de madeira que mandou fazer ao redor do Templo e do altar, e que se estendia até o lugar onde somente os sacerdotes têm direito de entrar (JOSEFO, *AJ.* XIII, 21, p. 626,627).

A insatisfação da população refletia-se em inúmeras disputas internas que enfraqueciam o governo. Josefo nos mostra como os próprios súditos judeus de Janeu sinalizam para a Síria convocando uma revolta, devido os judeus possuírem várias cidades na Síria, e atrelando poderes com o vizinho, havia a possibilidade de derrubar Alexandre do trono. Demétrio Eucero, rei da Síria sobe contra Janeu e tenta convencer os gregos que estavam com Janeu a tornarem ao partido sírio. Mal logrado do intento, trava-se uma batalha na qual Alexandre é obrigado a fugir e inicia-se uma série de disputas com o governo Sírio. É interessante observarmos como as relações étnicas da Judeia eram relativas ao governo e seus interesses, apesar de todas as direções dadas pela Lei. Aristóbulo, irmão de Alexandre Janeu e antecessor do trono da Judeia, que citamos anteriormente era cognominado *Filelés*, que significa “amigo dos gregos” e Janeu possuía milícias estrangeiras que o acompanhava nas suas batalhas. Josefo mostra como os próprios judeus vão se dividindo progressivamente e se associando com estrangeiros, formando alianças e guerreando por diversos interesses entre si, levando dessa maneira o enfraquecimento do território controlado por eles na região da Idumeia à Galileia.

Após a morte de Janeu em 76 a.C, sua esposa, agora viúva, torna-se regente do trono e, segundo Josefo, se reveste de uma forte milícia estrangeira conseguindo o afeto dos fariseus, por deixar os mesmos controlarem a política na Judeia e acabarem com a perseguição antes desencadeada. Por conseguinte, ordena a população que obedecessem a eles. Seus filhos Hircano II, mais velho e sumo sacerdote, e Aristóbulo II, seriam os futuros “anfitriões” de Pompeu que já despontava na Armênia pelejando contra Tigrano. Nesse ínterim Aristóbulo mesmo sendo mais novo, pretende tomar o poder das mãos de sua mãe, que passava por uma enfermidade. Ele faz alianças com príncipes de diversas localidades da Judeia e trava uma guerra civil contra Hircano II.

Hircano II perde a batalha nas proximidades de Jericó, quando uma boa parte de suas tropas o trai passando para o lado oposto. E foge para Jerusalém onde posteriormente faz um tratado de paz com Aristóbulo II deixando-o com o trono, enquanto ele dedicar-se-ia apenas com a vida privada. Esse tratado logo é quebrado devido um idumeu, por

nome de Antípato, rico, de uma das principais famílias dos judeus que vieram da Babilônia para a Judeia, amigo de Hircano e inimigo de Aristóbulo, o persuadiu a se rebelar por, segundo ele, Aristóbulo ter pretensões de matá-lo. Hircano então faz aliança com o rei Aretas, soberano dos árabes e marcha contra Aristóbulo.

Percebemos como a sociedade judaica possuía uma relação muito aproximada com o estrangeiro, a ponto de interferir nas relações no interior da sua sociedade, criando novas posições de sujeito, novos costumes, novas relações de poder, novas identidades. Como afirma Tomaz Tadeu: *A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental* (SILVA, 2014: p.96).

Aristóbulo não consegue resistir tal empreendimento e refugia-se em Jerusalém, onde é montado um cerco. Nesse ínterim, Pompeu fazia campanhas ao norte e seria uma possível solução de salvação para ambas as partes. São enviados então embaixadores dos dois partidos para Escauro, um oficial de Pompeu que estava em campanhas em Damasco. Aristóbulo e Hircano oferecem quatrocentos talentos para a intervenção romana na batalha, porém Josefo relata que Escauro prefere Aristobulo por ver que ele teria mais condições de cumprir o prometido. Escauro então solicita a retirada de Aretas do cerco ameaçando declará-lo um inimigo do povo romano. A solicitação é aceita e o confronto é parcialmente cessado. Porém Flávio Josefo nos diz que o litígio continua entre os dois irmãos, chegando até o próprio Pompeu:

Pompeu, depois de ouvir os dois irmãos, não teve dificuldade em constatar que Aristóbulo era violento. Disse-lhes que voltassem mais tarde, que procuraria dar remédio a tudo depois que dominasse os nabateenses e os reduzisse à obediência. Por enquanto, ordenava-lhes que vivessem em paz. Ele tratou Aristóbulo com urbanidade e gentileza, temendo que este cortasse a passagem, mas no entanto não lhe conquistou a confiança, pois Aristóbulo, sem esperar a realização de suas promessas, partiu para a cidade de Délio e de lá retirou-se para a Judéia. Pompeu sentiu-se ofendido com a retirada de Aristóbulo. Tomou as tropas que havia destinado aos nabateenses, mandou vir todas as que tinha em Damasco e no resto da Síria e com as legiões que comandava marchou contra ele (JOSEFO, *AJ.* XIV, 6, p. 642).

Josefo segue seu relato mostrando como Aristóbulo foge para Jerusalém e passa a temer uma possível aliança entre Pompeu e Hircano, levando-o a se arrepender do ocorrido e fazer um novo acordo com Pompeu oferecendo-o uma nova quantia em dinheiro a fim de cessar com a invasão. Pompeu, por sua vez, aceita a proposta e envia Gabínio, um dos seus oficiais, com tropas para receber o dinheiro e entrar na cidade.

Entretanto os próprios soldados de Aristóbulo se recusam a entregar o dinheiro e se refugiam na cidade cerrando as portas. Nesse ínterim percebemos como as divisões levaram a efetivação da tomada romana.

A cidade de Jerusalém estava dividida. Uns diziam que era preciso abrir as portas a Pompeu. Os do partido de Aristóbulo afirmavam que ao contrário, que deviam fechá-las e se preparar para a guerra, pois ele era mantido prisioneiro. E sem adiar mais, apoderaram-se do Templo, destruíram a ponte que o unia à cidade e resolveram defendê-lo. Os outros receberam o exército de Pompeu e entregaram-lhe a cidade e o palácio real. Ele logo mandou Pisão, seu lugar-tenente-general, com as tropas para tomar posse dela. Pompeu, por sua vez, fortificava também as casas e os outros lugares próximos do Templo. Mas antes de tentar qualquer outro esforço, ofereceu condições de paz aos que pretendiam defendê-lo. Quando viu que eles recusavam, fortificou com muralhas o que estava em redor. Hircano fornecia com prazer tudo o que era necessário (JOSEFO, *AJ.* XIV, 8, p. 644).

Percebemos visivelmente a situação em que Jerusalém se encontrava, onde progressivamente as lutas de Hircano e Aristóbulo levavam a aproximação de Pompeu que, após três meses de cerco, consegue entrar em Jerusalém onde a divisão era tamanha que Josefo diz que: *Parte dos judeus foi morta pelos romanos, os outros matavam-se entre si ou se precipitavam do alto ou incendiavam as próprias casas* (JOSEFO, *AJ.* XIV, 8, p. 645). Por fim, Flávio Josefo justifica a conquista romana dizendo: *Foi assim que a divergência entre Aristóbulo e Hircano causou tantos males, fazendo-nos perder a liberdade, sujeitando-nos ao Império Romano e nos obrigando a entregar o que havíamos conquistado da Síria pelas armas* (JOSEFO, *AJ.* XIV, 8, p. 645).

A sociedade judaica do século I d.C está marcada por toda uma série “traumática” de invasões que abateram a “unidade” política, ideológica e religiosa do povo judeu. Como vimos anteriormente, os embates políticos na Judeia já estavam minando a ordem da sociedade no campo político, criando uma série de contradições dentro dela. Mas é importante observarmos que quando nós falamos sobre a construção da identidade, percebemos que inúmeras são excluídas em detrimento da unidade do discurso. Por isso que Benedict Anderson (ANDERSON: 2008) nos aponta que a síntese nacionalista é realizada para construir a unidade no imaginário social. *Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros* (ANDERSON, 2008: p.32).

As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas. Os aldeões javaneses sempre souberam que estão ligados a pessoas que nunca viram, mas esses laços eram, antigamente,

imaginados de maneira particularista – como redes de parentesco e clientela com passíveis de extensão indeterminada (ANDERSON, 2008: p.33).

[...] ela é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos dois séculos, tantos milhões de pessoas tenham-se não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas (ANDERSON, 2008: p.34).

Martin Goodman (GOODMAN:1994) nos mostra as contradições existentes na Judeia no século I d.C. O centro da economia da Judeia se dava em Jerusalém, os seus arredores possuíam a produção de inúmeros artigos como os cereais, madeira, frutas e a criação de animais. Jerusalém gozava de uma prosperidade que a tornava uma das maiores e mais ricas cidades do Oriente Próximo. No vale de Esdraelom havia o plantio de trigo, no Sul era comumente o local da cevada, as montanhas estavam repletas de Oliveiras e vinhedos, além da lã que era produzida para vestir a população, as montanhas ocidentais ao lado do Jordão eram cobertas de florestas e essas regiões também serviam como pastagens para animais (AHARONI,1999: p.166).

As festas sagradas judaicas de peregrinação, a *Péssach*⁵², o *Shavuot*⁵³ e o *Sucot*⁵⁴ atraía milhares de judeus de toda parte do Império que todo o ano se dirigiam rumo ao Templo. Era no Templo que as inúmeras identidades eram colocadas como sendo uma: judeus devotos. Existia então toda uma infraestrutura para receber essa população que se

⁵² פסח – Páscoa – Festa judaica que tem início na tarde do 14º dia do mês de *Nisan* e perdura durante 7 dias, marca a comemoração e a rememoração da saída do povo de Israel do Egito para a Terra Prometida, o vocábulo *Pessach* deriva da raiz hebraica *passôach* que significa “passar por cima”, fazendo referência a história bíblica de libertação do povo do Egito onde o anjo passou por cima das casas hebreias e feriu os primogênitos do Egito. Durante a *Pessach* era realizado uma série de sacrifícios no Templo de Jerusalém descritos na Torá. Josefo nos mostra que durante a Páscoa judaica os judeus só comem pão sem fermento, mata-se diariamente 2 touros, 1 carneiro e 7 cordeiros em holocausto. No décimo sexto dia que corresponde ao segundo dos pães Asmos (sem fermento) oferecem-se as primícias da cevada e após todos os sacrifícios é feito um holocausto de um cordeiro (JOSEFO, *AJ.* III, 10, p. 183). Ver também: Êx 12:1-28; 23:15; Lv 23:4-14; Nm 9:1-14; 28:16-25; Dt 16: 1-8.

⁵³ שבועות – Semanas – Festa judaica que tem início 7 semanas após a *Pessach*, no dia 6 do mês *Sivan*, marca a comemoração em gratidão pelos frutos da terra, conhecida também como Pentecostes pelos gregos, devido no quinquagésimo dia após a celebração pascoal ser conhecida também como *Asarta*, que significa “plenitude de graças”. Josefo nos mostra que são realizadas ofertas e sacrifícios no Templo de 1 pão de farinha de trigo de 2 gômeres, fermentado, 2 cordeiros para ceia dos sacerdotes, 3 novilhos, 2 carneiros, 14 cordeiros e 2 bodes em holocausto pelos pecados (JOSEFO, *AJ.* III, 10, p. 183,184). Ver também: Êx 23:16-19; Lv 23:15-25; Nm 28:26-31; Dt 16:9-12.

⁵⁴ סוכות – Cabanas – Festa judaica que tem início no 15º dia do mês de *Tishrei* e dura 7 dias, marca a rememoração dos 40 anos que os hebreus passaram peregrinando no deserto após terem saído da terra do Egito, nessa festa se oferecia a Deus os primeiros frutos da colheita, além de holocaustos e sacrifícios, para sermos mais exatos era a festa em que havia mais oferendas, 70 bezerras, 14 carneiros, 98 cordeiros e 7 bodes. Os judeus nesse período seguiam a ordenança de habitar em tendas para simbolizar a época em que os hebreus habitavam como nômades pelo deserto. (JOSEFO, *AJ.* IV, 8, p. 218). Ver também: Êx 23:16; Lv 23:33-44; Nm 29:12-40; Dt 16:13-17.

amotinava na celebração dos seus feriados religiosos. Havia a presença de várias indústrias ligadas ao templo, como a cerâmica, a fiação e a tecelagem que serviam também à vida da população em geral. Os barcos traziam do mediterrâneo produtos pesqueiros, que, além do tradicional peixe, traziam moluscos produtores de púrpura. O cobre vinha da região de Árabá, ferro das montanhas de Gileade e o betume era retirado do Mar Morto. Havia também fontes de águas térmicas em Callirhoe, Baaras, Péla, Gadara e Tiberíades (AHARONI,1999: p.166).

No Novo Testamento cristão vemos a presença de pessoas de várias localidades, que participavam dessas festas, como podemos observar no trecho a seguir:

E cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente [e] impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do espírito santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o espírito santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões devotos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medas, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judéia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses, e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandes obras de Deus (Atos dos Apóstolos 2:1-11).

A Judeia não apenas possuía uma diversidade de peregrinos, mas também uma diversidade linguística habitando permanentemente o seu território. O próprio Josefo foi instruído em hebraico que é considerada a língua sagrada, *Lashon hakodesh*⁵⁵, utilizada nos rituais religiosos, na leitura da Torá e dentro das sinagogas; falava aramaico, como língua cotidiana e comum entre o povo, e possuía o grego e o latim como línguas utilizadas pela elite (DEGAN,2013: p.137; HADAS-LEBEL,1991: p.60-63). Além disso, a Judeia possuía um ambiente religioso bastante diversificado, sendo um equívoco limitar ou fazer generalizações das crenças judaicas. Goodmam afirma que existiam poucas atitudes que podiam ser tomadas como comum entre todas as crenças, *havia, por exemplo, a aceitação geral de que a Torá era, de certa forma, a lei divina dada a Israel em*

⁵⁵ לשון הקודש

reconhecimento à aquiescência dos judeus pelo pacto com Deus (GOODMAN,1994: p.85). Analisemos complexidade religiosa presente na sociedade judaica no século I d.C:

We might list and discuss the various groups within Judaism as they are mentioned and described in certain of the sources (notably in Josephus). This is probably the most widely used approach, and has the advantage of appearing to be relatively concrete, with the different attitudes neatly labeled -- Pharisees, Sadducees, Essenes, Zealots, Nazarenes, Therapeutae, and so on. A major shortcoming of this approach is, however, that it tends to focus primarily on a very limited sub-section of the overall picture since it deals mostly with the Palestinian situation, and even then, it ignores the great masses of the people who do not seem to have been "card-carrying members" of any formal group. Furthermore, this approach fails seriously to pay sufficient attention to many of the sources we have just catalogued as preserved by Christianity, with the most obvious exceptions of Josephus and Philo (KRAFT, 1975: p. 189-190).⁵⁶

A discussão proposta por Kraft (KRAFT:1975) e também exposta por Goodman (GOODMAN:1994) sinaliza a diversidade judaica presente na Judeia e ilustra como os “grupos anônimos” são colocados em segundo plano na descrição da população judaica. A Judeia em um plano horizontal possui inúmeras particularidades que ficam em um plano de fundo no que tange à construção de um discurso em prol da identidade judaica. Havia grupos proeminentes dentro da Judeia que se sobressaíam devido ao seu papel exercido na região.

Os fariseus, por exemplo, constituíam o grupo mais numeroso e possuíam mais influência sobre o povo. A imortalidade da alma era o ponto central da sua doutrina, aliavam à providência divina, que colocava o papel de *Adonai* como colaborador da vida humana, influenciando-na em momentos oportunos; pregavam também o princípio da retribuição, onde a consequência dos nossos atos são chaves norteadora da vida humana. Havia ainda dentro do farisaísmo duas escolas: a de Hilel⁵⁷ e a de Shamaí⁵⁸ (HADAS-LEBEL,1991: p.39). Como podemos ver a seguir:

⁵⁶ Poderíamos listar e discutir os vários grupos dentro do judaísmo que sejam mencionados e descritos em algumas das fontes (nomeadamente em Josefo). Esta é provavelmente a abordagem mais amplamente usada, e tem a vantagem de parecer ser relativamente concreta, com as diferentes atitudes nitidamente marcadas. Fariseus, Saduceus, Essênios, Zelotes, Nazarenos, Therapeutae, e assim por diante. A grande falha desta abordagem é, no entanto, que tende a concentrar-se principalmente em uma sub-seção muito limitada do quadro geral uma vez que lida principalmente com a situação palestina e, mesmo assim, ela ignora as grandes massas de pessoas que fazem não parecer ter sido "membros de carteirinha" de qualquer grupo formal. Além disso, esta abordagem falha seriamente a prestar atenção suficiente para muitas das fontes que acabamos catalogados como preservado pelo cristianismo, com as exceções mais óbvias de Josephus e Philo. *Tradução livre*, Disponível em: <http://ccat.sas.upenn.edu/rak/publics/judaism/heritage.html>, acessado em: 14 de maio de 2016.

⁵⁷ הלל הזקן – *Hilel hazaken* – Hilel, o Ancião.

⁵⁸ שמאי הזקן – *Shamai hazaken* – Shamaí, o Ancião.

Uma célebre anedota mostra-o conformado inteiramente sua conduta a seu ensinamento: a um pagão que veio pedir-lhe, por zombaria, que lhe ensinasse toda a Torá enquanto ele permaneceria postado em um único pé, Hillel teria respondido sem demonstrar nenhuma irritação: “ não faças ao próximo o que não gostaria que fizesse a ti, nisso se resume toda a Torá, todo o resto não passa de comentário. ” Opõem-no com frequência o seu colega Xamai, que, num acesso de cólera, mandara embora o pagão impertinente, do qual Hillel com a sua doçura, faria mais tarde um prosélito. Contudo, o mesmo Xamai também aconselha, por sua vez: “Fale pouco, aja muito e acolha a todos com afabilidade” (HADAS-LEBEL,1991: p.39-40).

No caso dos saduceus, apontavam um grupo de caráter mais conservador, Josefo fala que: *os saduceus, ao contrário, negam absolutamente o poder do destino, dizendo que ele é uma quimera e que as nossas ações dependem tão absolutamente de nós que somos os únicos autores de todos os bens e males que nos acontecem* (JOSEFO, AJ. XIII, 9, p. 603). Desta feita, sob a visão dos saduceus temos a liberdade do homem e sua independência nas suas ações. Além disso, os saduceus reprovavam a doutrina farisaica da imortalidade da alma, além de rejeitar a tradição oral de interpretação da Lei, valendo-se do ensino e aplicação da mesma de maneira literal. Josefo relata ainda que o grupo dos saduceus é uma seita *em pequeno número, mas ela é composta de pessoas da mais alta condição* (JOSEFO, AJ. XVIII, 2, p. 827).

Os fariseus e os saduceus constituem o grupo de maior destaque na sociedade judaica durante século I d.C. São eles que compõe o *Sanhedrin*⁵⁹ que exerce a maior autoridade sobre o povo judeu depois da figura do governador. Vemos nitidamente as disputas que ocorriam entre os dois grupos quando o apóstolo Paulo é levado ao julgamento perante o sumo-sacerdote que presidia o Sinédrio. Observamos no trecho que segue:

E Paulo, sabendo que uma parte era de saduceus, e outra, de fariseus, clamou no conselho: Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; no tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado. E, havendo dito isto, houve dissensão entre os fariseus e saduceus; e a multidão se dividiu. Porque os saduceus dizem que

⁵⁹ סנהדרין – Em hebraico, conselho ou concílio. Em português, sinédrio. Nas leis judaicas, há três tribunais ou conselhos de juizes: *Beit din* (בית דין), *Sanhedrin inferior* (סנהדרין קטנה) e *Grande Sanhedrin* (הגדולה סנהדרין). O *Beit din* (casa de julgamento), o único que existe até hoje, é composto por três juizes, e normalmente se ocupa de questões alimentares e pecuniárias, divórcios, conversões. O *Sanhedrin inferior*, que deixou de existir com a destruição do Segundo Templo, era a instância intermediária, tinha 23 juizes e examinava casos que envolvia pena de morte. O *Grande Sanhedrin* era a corte mais alta, composta por 71 juizes, dentre os maiores sábios de Israel, e analisava as questões que diziam respeito a todo povo judeu e os casos que não podiam ser julgados nas duas outras cortes. O primeiro Grande Sinédrio foi convocado por Moisés no deserto do Sinai (Êx 3:16; 24:1-18; Nm 11:16), tendo Moisés a frente dos 70 anciãos (BENSON: 2006, p.325-326).

não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus reconhecem uma e outra coisa. E originou-se um grande clamor; e, levantando-se os escribas da parte dos fariseus, contendiam, dizendo: Nenhum mal achamos neste homem, e se algum espírito ou anjo lhe falou, não repugnemos não resistamos a Deus. E, havendo grande dissensão, o tribuno, temendo que Paulo fosse despedaçado por eles, mandou descer a soldadesca, para que o tirassem do meio deles e o levassem para a fortaleza (Atos dos Apóstolos 23:6-10).

As disputas políticas e teológicas desses dois grupos, no Sinédrio em Jerusalém, diferem muito da procedência dos essênios, um partido menor existente na sociedade judaica. Josefo descreve como suas principais doutrinas: a providência divina, a imortalidade da alma, e a vida em comunidade. A misoginia prevalecia na sua doutrina, como relata Josefo: *O seu número é superior a quatro mil. Não têm mulheres nem criados, porque estão convencidos de que as mulheres não contribuem para o descanso da vida* (JOSEFO, *AJ.* XVIII, 2, p. 827). As mulheres eram consideradas um ser “impuro por natureza” (HADAS-LEBEL, 1991: p.44), por isso era necessário renunciar o casamento.

Josefo relata como ele obteve o interesse por essa seita, em um dado período da sua vida, ele afirma que: *Quando fiz treze anos, desejei aprender as diversas opiniões dos fariseus, as dos saduceus e as dos essênios, três seitas que existem entre nós, a fim de, conhecendo-as, pudesse adotar a que melhor me parecesse* (JOSEFO, *Vita*, p. 944). Ele prossegue narrando que conheceu um certo judeu chamado Bane que vivia austeramente no deserto, vivendo apenas da agricultura e dos frutos gerados pela terra, vestindo-se de casca de árvores e fazendo banhos rituais para purificação. Josefo, então, decide seguir a esses ensinamentos e passa três anos dentro dessa seita. Após passar por esse período, volta a Jerusalém e dedica-se novamente a vida civil entrando para o partido dos fariseus.

Josefo ainda cita grupos menores como a “Quarta Filosofia”⁶⁰ que pluralizavam os diversos judeus existentes nesse período, a quantidade de partidos é bem significativa, conforme mencionada por Kraft (KRAFT:1975). Esses partidos possuem posições que variavam desde a interpretação da Lei, os costumes na vida privada e os seus relacionamentos com a sociedade, por exemplo. Nesse quadro apresentado, questionamos a identidade cultural unificada dos judeus. Conforme afirma Hall: *As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas* (HALL, 1998: p.65). O discurso de uma

⁶⁰ Por entendermos que a descrição dos demais grupos se tornaria extensa, optamos por relatar aqueles que Josefo se empenha mais no seu discurso. Para mais detalhes sobre a “Quarta Filosofia” ver: (JOSEFO, *AJ.* XVIII, 2, p. 827; HADAS-LEBEL: 1991, p. 49-54; DEGAN:2013, p.147-149)

nação judaica, oculta, no seu interior, a diferença. A multiplicidade judaica é unida através do retorno ao passado, onde a cultura é unificada na construção do discurso.

As consequências geradas pela revolta na Judeia, trouxeram um impacto irreparável até os dias de hoje na cultura judaica. A destruição do Templo de Jerusalém é a mais marcante, atingindo diretamente a extinção do seu culto sacrificial. Além disso, houve inúmeras perdas políticas e econômicas que fragilizaram a prosperidade judaica na região. Josefo, pós 70 d.C, busca no passado um tempo áureo, onde a identidade judaica é fixada. A apologia identitária feita por Josefo busca o fortalecimento da cultura judaica. Conforme aponta Hall: *O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros de grupos étnicos dominantes que sentem ameaçados pela presença de outras culturas* (HALL,1998: p.85).

A Testemunha da guerra, o governador da Galileia, o fariseu, o sacerdote, o historiador, posteriormente o pensionista imperial, o cidadão romano; Josefo e suas identidades, consciente de sua responsabilidade encerra as Antiguidades Judaicas ponderando: *Ouso afirmar que nenhum outro, quer judeu, quer estrangeiro, teria podido dar esta história aos gregos, escrita com tanta exatidão. Os da minha nação estão de acordo em que eu sou bem instruído no que se refere aos nossos costumes e às nossas tradições* (JOSEFO, *AJ.* XX, 9, p. 931). Escrita realizada, trabalho concluso, na explanação da identidade da sociedade judaica, a presença da diferença no seu interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos o nosso estudo sabíamos da responsabilidade que tínhamos, devido a extensão escriturística. A obra de Flávio Josefo demandou meses de leituras e releituras. A compreensão do judaísmo, que muito se difere da tradição cristã na qual estamos acostumados, nos levou a mergulharmos na pesquisa da cultura judaica, onde a língua foi uma delas.

A nossa tentativa nesse texto, foi apontar a produção do sentido de pertença para os judeus na obra “Antiguidade Judaicas” de Flávio Josefo, mostrando que, apesar da diversidade cultural existente na Judeia, Josefo, na sua narrativa, recorre a um passado “comum”, um saber genealógico com o objetivo de sustentar apenas um “tronco” criando no imaginário a ideia de unicidade do povo. A formação da identidade passa então a ser uma construção de caráter linguístico, sendo firmada uma identidade mais homogênea em detrimento das inúmeras diferenças encontradas no interior do grupo, no nosso caso, os hebreus.

O passado hebraico é então consultado por Josefo. As relações com o estrangeiro, são ponderadas; as diferenças de classe, gênero e raça são unificadas como um todo consistente (HALL,1998: p.62). Josefo não escreve apenas para registrar a memória judaica, mas para tornar ao conhecimento dos não judeus, uma espécie de “Idade de Ouro” na gênese do seu povo. Cria-se o imaginário de uma nação coerente, através de sua construção imagética da narrativa.

Percebemos, como a sociedade judaica no século I d.C possuía uma diversidade linguística, religiosa e de costumes, devido ao contato com o estrangeiro que habitava na região da Palestina. Tentamos então discutir a problemática da concepção do judeu sobre si mesmo na antiguidade, entendendo as dificuldades territoriais, políticas e religiosas para construção da sua identidade.

Sobre a questão da identidade acrescenta-nos Tomaz Tadeu:

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja natureza, seja cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é a construção, um efeito, uma produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA,2014: p.96-97).

Discutimos o lugar em que Flávio Josefo se encontra, o contexto que ele estava inserido para a realização da sua obra e suas motivações para a construção da identidade, lançando por fim, a seguinte indagação: O discurso de Josefo em outro lugar social teria sido diferente? Acreditamos que sim. Deixamos essa questão para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES:

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Trad.: Vicente Pedroso. CPAD: Rio de Janeiro, 2013.

FLAVIUS JOSEPHUS. **Jewish Antiquities**. Translated by William Whiston. Hertfordshire: Wordsworth Classics of World Literature, 2006.

LIVROS, TESES ACADÊMICAS E ARTIGOS:

AHARONI, Yohanan; et al. **Atlas Bíblico**. Trad.: Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BAGNIEWSKI, Alexandre Bermudez. **Repensando a teoria da alteridade e a obra de Josefo**. São Bernado do Campo: Oracula, 2008. pág. 38.

BEREZIN, Rifka. **Dicionário Hebraico-Português**. São Paulo: Edusp, 1995.

BENSION, Ariel. **O Zohar: O livro do esplendor**. Trad.: Rosie Mehoudar e Rita Galvão. São Paulo: Polar, 2006.

Bíblia Sagrada. Trad.: João Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB, 1995.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 1993

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs). **Dicionário internacional de teologia do Noyo Testamento**. Trad.: Gordon Chown, São Paulo: Vida Nova, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad.: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

DA SILVA, A. **Usos do Dicionário. PRINCIPIA.** Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras - LECO - INSTITUTO DE LETRAS - CEH - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ano 14, Nº. XXIII, 2011.

DEGAN, Alex. **Judaísmo em suspensão: o judaísmo de Flávio Josefo.** 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FINLEY, M.I. **Os Gregos Antigos.** Lisboa: Edições 70, 1963.

GOODMAN, Martin. **A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.** Rio de Janeiro: Imago, 1994.

GRIMAL, Pierre. **A vida em Roma na Antiguidade.** Trad.: José Daniel Lourenço et al. Lisboa: Europa-América, 1981.

_____. **O século de Augusto.** Trad.: Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições70, 1997.

_____. **A civilização romana.** Trad.: Isabel St. Aubyn Lisboa: Edições 70, 1993.

HADAS-LEBES, Mireille. **Flávio Josefo. O judeu de Roma.** Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Identidade cultural na pós-modernidade.** Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** Trad.: Jacyntho Luis Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **A história de Homero a Santo Agostinho.** Trad.: Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

KELLER, Wenner. **Arqueologia da Bíblia.**[*Und die Bibel hat doch Recht*] Trad.: Maria Júlia Braga, Angela Zarate, Miguel Gil, Antonio Borges, Marcelo Neves. Barcelona: Folio,2008.

KOCHAV. Sarah. **Israel.** Trad.: Carlos Nogué. Barcelona: Folio,2006.

LANGE, Nicholas de. **Povo Judeu.** Trad.: Carlos Nogué, Francisco Manhães, Maria Júlia Braga, Joana Bergman. Barcelona: Folio,2007.

ROGERSON, John. **Terras da Bíblia**[*Cultural Atlas of the Bible*] Trad.: Carlos Nogué. Barcelona: Folio,2006.

ROSS, Allen P. Gramática do Hebraico Bíblico. São Paulo: Editora Vida, 2008. Tradução de Gordon Chown do original inglês *Introducing Biblical Hebrew*.

ROBERT, Jean-Noel. **Os prazeres em Roma.** Trad.: Marina Appenzeller, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

R. A. Kraft. **Christianity, Judaism and Other Greco-Roman Cults: Studies for Morton Smith at Sixty**, ed Jacob Neusner, vol 3 (Leiden: Brill, 1975) 174-199.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA. Marcos Antônio De. **O dicionário de hebraico bíblico de Brown, Driver e Briggs (BDB) como modelo de um sistema lexical bilíngüe: um estudo da lexicografia hebraica bíblica moderna.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Torah Prophets Writings: Massoretic Text according to Jacob ben Chayim and C.D. Ginsburg. Bibles.org.uk: London,2005.

Torá - A Lei de Moisés. Trad.: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer: 2001.

THIEL, Winfried. **A sociedade de Israel na época pré-estatal.** Tradução: Ilson Kayser, Annemarie Höhn, São Paulo: Paulinas, 1993.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SITES CONSULTADOS:

Díspónível em: <<http://www.morasha.com.br/biografias/flavio-josefo-entre-roma-e-jerusalem.html#q=fl%C3%A1vio%20josefo>> acessado em: 28 de fevereiro de 2016.